



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Quintas da Madeira: Reabilitação da Quinta das Figueirinhas em Santa Cruz, Ilha da Madeira

Dino Martins Barcelos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor José Neves Dias

Covilhã, abril de 2018

Agradecimentos

- Aos meus pais, irmão e avós que sempre me apoiaram e motivaram em todo o percurso académico, durante estes cinco anos, pois sem eles a minha formação não seria possível.
- Aos meus amigos e colegas de curso que partilharam comigo este percurso académico.
- Ao meu professor orientador, José Neves Dias pelo apoio, pela presença e disponibilidade prestada. Por todas as orientações e correções dadas ao longo do desenvolvimento e conclusão da presente dissertação.
- Ao professor Clemente Pinto, pela ajuda no desenvolvimento estrutural do projeto de reabilitação.
- À Camara Municipal de Santa cruz pelos documentos fornecidos.

Resumo

O turismo na ilha da Madeira tem sido, ao longo do tempo, o principal motor impulsionador do desenvolvimento da economia da região. Famosa pelo mundo fora devido à sua beleza natural, tem sido eleita como um dos destinos turísticos de eleição e também frequentemente conhecida como “o jardim flutuante do Atlântico” que alberga as tradicionais verdejantes Quintas da Madeira.

As Quintas da Madeira surgem nesta temática de modo a preservar um interessante espólio da história da ilha da Madeira, dado que são atualmente uma das grandes atrações da região. Na sua grande parte já reabilitadas, contribuem para fins hoteleiros e museológicos. As Quintas da Madeira integram enormes e espaçosos jardins floridos, repletos das mais raras e variadas plantas endémicas, com espaços que convidam ao descanso ou à simples contemplação da natureza.

A reabilitação destas quintas tem sido um bom exemplo de conservação e divulgação do património da região. São edificações que contam um pouco da história da Madeira, cada uma à sua maneira. Umas, expondo grandiosas coleções de objetos de outros tempos, outras com escritos que passam de geração para geração. Estas propriedades são atualmente um reviver de outros tempos.

Desta forma, para projeto de conclusão do Mestrado Integrado em Arquitetura será apresentada uma proposta de reabilitação e ampliação da Quinta das Figueirinhas, uma propriedade privada situada na freguesia do Caniço, pertencente ao concelho de Santa Cruz.

A edificação encontra-se numa zona de espaço urbano, com uma grande área de espaços verdes e uma vista extraordinária sobre o oceano atlântico. A “Casa-Mãe” edificada no séc. XIX, encontra-se devoluta há mais de cinco décadas. Apresenta-se agora em estado de ruína e os seus jardins, que outrora encantaram, desapareceram desconfigurando o seu território e a sua identidade.

Pretende-se, assim, reabilitar esta edificação para fins hoteleiros, de modo a inseri-la no panorama das Quintas da Madeira. Com a intenção de recriar a composição original da propriedade propõem-se ainda a implantação da “Casa do Caseiro”, típica casa inspirada na casa secular madeirense, que dará a conhecer a gastronomia e cultura da região aos seus hóspedes que por ali passam.

Palavras-Chave: Reabilitação, Quintas da Madeira, Turismo, Identidade

Abstract

Tourism in Madeira Island has been, over time, the main engine behind the development of the region's economy. Famous around the world for its natural beauty, it has been chosen as one of the tourist destinations of choice and, also, frequently known as "the Atlantic floating garden" that houses the traditional green Quintas da Madeira.

Quintas da Madeira blossom in this theme in order to preserve an interesting collection of Madeira's history and patrimony, since they are currently one of the great attractions of the region. Most part of them already rehabilitated, they contribute to hotel and museological purposes. Quintas da Madeira comprise large and spacious flower gardens, filled with the rarest and varied endemic plants, with spaces that invite you to rest or simply contemplate nature.

The rehabilitation of these properties has been a good example of conservation and dissemination of the region's heritage. They are buildings that tell a little of Madeira's history, each in its own way. Some exposing big collections of objects from other times, others with writings that are carried from generation to generation. These properties are currently a revival of other times.

Thus, this final project assignment for the Master in Architecture will be presented a proposal for rehabilitation and expansion of Quinta das Figueirinhas, a private property located in Caniço, Santa Cruz.

The edification is located in an area of urban space, with a large green area and an extraordinary view of the Atlantic Ocean. The "Casa-mãe" built in the 19th century has been abandoned for more than five decades. It is now in a state of ruin, and its gardens, which once enchanted, disappeared, disfiguring its territory and its identity.

The goal is to rehabilitate this building for hotel purposes, so as to insert it in the landscape of Quintas da Madeira. With the intention of recreating the original composition of the property, we propose the establishment of "Casa do Caseiro", a typical house inspired by the Madeira secular house, which will spread the gastronomy and culture of the region to its guests who pass through.

Keywords: Rehabilitation, Quintas da Madeira, Tourism, Identity

“[...] as Quintas da Madeira, de nomes estrangeiros ou portugueses, longas e largas de muitos hectares ou retraídas e enclausuradas entre altas paredes musgosas, as quintas de tão pura estirpe precisam de viver como fulcro da paisagem, polarizador da natureza bravia. Delas depende o panorama que estamos habituados a contemplar - um panorama tranquilo, apaziguador, igual nas suas transformações, como deve ser a própria Eternidade.”

NASCIMENTO, Cabral (1954)

Índice

Parte I	1
1.Introdução	1
1.1. Nota de abertura	1
1.2. Justificação da temática de estudo	3
1.3. Estado da Arte.....	5
1.4. Metodologia.....	7
1.5. Objetivos	7
1.6. Breve Introdução às Quintas da Madeira	9
Parte II1	3
2. Projeto - Memória Descritiva e Justificativa	13
2.1. Localização	13
2.2. Enquadramento com os elementos de gestão territorial	14
2.3. Morfologia do espaço existente	16
2.4. Implantação e Conceitos	27
2.5. Edificados	25
2.5.1. Edifício pré-existe. Casa-Mãe	25
2.5.2. Novo volume - Casa do caseiro e praça	35
2.5.3. Novo volume de ampliação	37
2.6. Especialidades do projeto.....	39
2.6.1. Jardim.....	39
2.6.2. Piscina infinita	41
2.6.3. Ginásio ao ar livre.....	42
2.7. Aspetos Técnicos e Materiais	43
2.7.1. Casa-Mãe.....	43
2.7.2. Casa do caseiro e praça	45
2.7.3. Volume de ampliação.....	46
2.7.4. Jardim e envolvente	47
Conclusão	49
Bibliografia	51
Índice de Peças Desenhadas	53
Anexos.....	55

Lista de Figuras

Figura 1 - Conjunto de fotos do Jardim da Bela Vista	10
(Fotos de Autor)	
Figura 2 - Foto da Quinta da Bela Vista	11
(Foto de Autor)	
Figura 3 - Foto da Quinta da Palmeira	11
(Foto de Autor)	
Figura 4 - Ilustrações do Mobiliário de Jardim	12
(Foto de Autor)	
Figura 5 - Vista aérea com a identificação e localização da Quinta das Figueirinhas	13
(Fonte: Google Earth)	
Figura 6 - Planta de Ordenamento do território.....	14
(fornecida pela Câmara Municipal de Santa Cruz)	
Figura 7 - Antiga planta da cadastral	16
(fornecida pela Câmara Municipal de Santa Cruz)	
Figura 8 - Planta de levantamento do local	17
Figura 9 - Fotos da Calçada e parede de pedra basáltica da propriedade	18
(Foto de Autor)	
Figura 10 - Fotos da Casa-Mãe	19
(Foto de Autor)	
Figura 11 - Fotos da Casa-Mãe	20
(Foto de Autor)	
Figura 12 - Plantas esquiço do Levantamento métrico do edifício, Rés-do-chão e primeiro piso, respetivamente.....	21
Figura 13 - Conjunto de Imagens da Casa-Mãe	22
(Foto de Autor)	
Figura 14 - Fotos da envolvente.....	23
(Foto de Autor)	
Figura 15 - Fotos da propriedade	24
(Foto de Autor)	

Figura 16- Fotos da envolvente	25
(Foto de Autor)	
Figura 17- Fotos da ruína	26
(Foto de Autor)	
Figura 18- Planta de Implantação	27
Figura 19- Esquízo de Implantação do Edifício de ampliação	28
Figura 20- Esquízo e diagrama da Casa-Mãe	30
Figura 21- Fotos das Maquetes de estudo.....	31
Figura 22- Esquícios da zona de receção e bar	32
Figura 23- Esquícios do quarto e acessos ao piso1	33
Figura 24- Esquícios do quarto e pátio exterior	34
Figura 25- Esquícios do torreão onde se situa a suite	34
Figura 26- Diagrama da casa do caseiro e praça	35
Figura 27- Esquízo da casa etnográfica Madeirense e esquízo da casa do caseiro	36
Figura 28- Conjunto de esquícios do volume de ampliação	38
Figura 29- Esquícios do Jardim	40
Figura 30- Imagem ilustrativa da Piscina Infinita	41
(Fonte: https://atlaspools.com.au/work/valla-infinity-edge-pool/)	
Figura 31- Ilustrativa do Ginásio ao ar livre	42
(Fonte: https://www.pestanacr7.com/pt/hotel/pestanacr7-funchal/fotos?gf=leisure-services&ca=hotel)	
Figura 32- Esquízo do pormenor construtivo da laje e janelas	43
Figura 33- Esquízo do pormenor construtivo dos degraus	44
Figura 34- Esquícios do mobiliário do jardim	47
Figura 35- Pavimentos a utilizar na proposta	48
(Fotos de Autor)	

Parte I

1. Introdução

1.1. Nota de Abertura

Esta dissertação tem como seguimento uma breve introdução histórica das “Quintas da Madeira” e posteriormente a proposta de reabilitação e ampliação da Quinta das Figueirinhas, localizada na Ilha da Madeira, concelho de Santa Cruz.

A quinta da madeira, como elemento arquitetónico simbólico da região, atravessa um período de grande valorização, tanto pela sua história como pelo seu valor arquitetónico, muito graças ao turismo, que cada vez mais procura o mais genuíno que a ilha tem para oferecer.

O impulso do turismo na economia da região fez com que se despertasse o interesse na reabilitação e restauração destas propriedades, não só para fins hoteleiros como também museológicos.

Contudo, com a concorrência de grandes cadeias hoteleiras, é necessário que se crie uma oferta hoteleira diferenciada. Assim, pretende-se com a proposta de reabilitação da Quinta das Figueirinhas, que esta adquira a funcionalidade de Quinta Hoteleira, recuperando aspetos genuínos do que se consideram marcantes e identitários destas típicas quintas, implementando novos elementos modernos que se adequem às necessidades atuais.

Neste caso específico de estudo sabe-se através do trabalho de campo que esta propriedade pertenceu originalmente a uma família abastada, senhorio de grandes riquezas, que se destacou na sociedade construindo esta grande Quinta.

Posteriormente, a quinta foi vendida ao Proprietário dos Cine Jardim, empresa de cinema que reinava nas décadas de 40 a 60, que aproveitou a beleza e o espaço desta quinta para projetar cinema ao ar livre nas belas noites de verão. Nos anos seguintes a propriedade foi vendida a novos proprietários e, desde então, ficou ao abandono.

1.2. Justificação da temática de estudo

Sendo estudante de Arquitetura e futuro Arquiteto, a temática da Reabilitação sempre despertou grande interesse em mim. Cada edificação devoluta conta uma história do passado, cabendo ao arquiteto a capacidade de interpretá-la e trespassá-la para o presente, de modo que quando reabilitada, a obra possa ser vista e interpretada pelo visitante como um viajar no tempo.

Com a tendência de se construir novos edifícios é necessário ter-se em consideração que existem edifícios devolutos, que muitos deles podem ser um complemento para projetos futuros, pois estão repletos de histórias e vivências enriquecedoras.

Como residente na Ilha da Madeira sempre me deparei com edifícios de grande interesse patrimonial em estrado de conservação lastimável, muitos deles de carácter público mas também alguns privados. A obra escolhida para trabalho de dissertação foi um caso destes. Sendo uma propriedade de carácter privado, nunca surgiu a oportunidade de ser reabilitada devido aos custos ou à falta de interesse em intervirem. Com esta tendência, as gerações vindouras poderão não usufruir nem apreciar o património que nos fora deixado.

A necessidade de preservar e intervir neste espaço surgiu pela identificação do grande potencial que esta propriedade tem para oferecer não só ao turismo, mas também ao desenvolvimento da região, pois estas quintas são de valor insubstituível devido à sua história, diversidade arquitetónica e botânica, que enchem os pulmões de ar puro de quem ali passa.

1.3. Estado da Arte

A ilha da Madeira, distinguida em 2016 e pelo segundo ano consecutivo, como melhor destino insular do mundo é um dos destinos turísticos mais antigos e mais procurados por milhares de turistas. Este destino verdadeiramente hospitaleiro conta com a sua beleza natural, tranquilidade, riqueza patrimonial e cultural para conquistar e convidar o turismo à sua visita, podendo afirmar-se que estas características fazem parte integrante do ADN da Região.

Com o enorme crescimento da atividade turística, tem-se assistido a uma grande tendência de reabilitação e revitalização do património, sendo o turismo o grande dinamizador desse processo de reabilitação.

Estas, além do seu valor histórico, têm importância na evolução da sociedade e dos negócios na Ilha da Madeira (vinho, bordado, etc.). São edifícios centenários que apregoam o gosto arquitetónico e botânico dos donos primordiais.

A quinta madeirense em estudo caracteriza-se pelo tipo de construção da casa antiga ou secular, compõe-se por uma casa-mãe na sua maioria de volumetria retangular ou quadrada de grandes proporções, rodeada de passeios, relvados e canteiros de árvores e plantas exóticas, por vezes agregando uma área agrícola, uma casa do caseiro, assim como uma capela nas suas imediações. (MATOS, 2015)

A sua revitalização e reabilitação, tanto para fins turísticos como museológicos, tem uma importância patrimonial e histórica na identidade dos madeirenses por serem edifícios únicos e em vias de extinção, com valores histórico-culturais, arquitetónicos e sociais.

Para a construção destas casas, foi importante a utilização de materiais próprios da Ilha, como a pedra basáltica, tufo ou tufa (“pedra mole” ou “cantaria de forno”), madeira (til, teixo, vinhático, pau branco, barbazano, urze, cedro, entre outras), palha, cantaria, cerâmica vermelha e cal. (MATOS, 2015)

Embora a arquitetura tenha inovado de forma constante e natural, algumas das quintas ainda mantêm os elementos arquitetónicos próprios da altura da sua construção, como os estores, que se situam por detrás dos lambrequins, os tapa-sóis, comandados por uma ripa vertical denominada de bilhardeiras, as janelas de guilhotina, os remates em forma de pombas e cabeças nos vértices dos telhados e as casinhas de prazer no jardim. Existem, contudo, exemplos de quintas históricas que após reabilitadas continuam a utilizar os mesmos elementos tradicionais, mas traduzidos numa vertente material mais moderna. (MATOS, 2015)

Com a tendência da recuperação e adaptação das quintas madeirenses em estabelecimentos hoteleiros modernos, criou-se um produto turístico inovador no sector da hotelaria da região. A marca “Quintas da Madeira” foi criada entre 2004 e 2005, por um grupo de empresários, com o intuito de realçar deste tipo de estabelecimentos hoteleiros na promoção do destino Madeira, diferenciando-se das grandes cadeias hoteleiras. Reuniu-se assim um grupo de Quintas que

cumprissem o seu traçado original, lançando-as no mercado hoteleiro como uma cadeia hoteleira diferenciada.

Um dos objetivos desta marca é também integrar estas propriedades em roteiros que englobem passeios ou caminhadas entre estas por levadas ou trilhos, transformando as quintas madeirenses em casas de descanso entre viagens.

É de referir que muitas das quintas que foram destruídas no passado, situavam-se principalmente nas áreas urbanas das cidades. Deixadas ao abandono, estas propriedades não conseguiram sobreviver à procura de espaços para a edificação de novas construções. Compradas por privados, foram demolidas dando lugar a grandes hotéis e edifícios habitacionais.

Embora o trabalho a desenvolver seja de carácter prático, procedeu-se a leitura de vários textos e dissertações de carácter teórico, entre elas: “*A Arquitetura do turismo terapêutico*” de Rui Campo Matos, “*A Arquitetura das Quintas Madeirenses de Influência inglesa na primeira metade do século XIX*” de Ana Vieira Silva e “*As quitas Madeirenses como uma oferta turística diferenciada*” de Tiago Pimenta e Silva. Todas estas e outras leituras foram importantes para a absorção de conhecimento e reflexão no trabalho a desenvolver.

Com o objetivo de dar a conhecer a Madeira ao mundo, no âmbito da celebração dos 600 anos do descobrimento da Madeira e Porto Santo, o governo regional afirma que a Região irá ser alvo de várias intervenções no seu património edificado, incluindo várias Quintas madeirenses. Denota-se o esforço deste tipo de ações por parte da Autarquia local pois é essencial para reverter o estado de degradação destas propriedades.

O arquiteto Rui Campos Matos tem sido os dos principais pioneiros de estudo e divulgação destas propriedades, para além da sua dissertação estrar exclusivamente ligada a este tema, publicou o livro, “*As origens do turismo na Madeira*”, onde aborda a temática das quintas da Madeira, como um dos elementos promotores do turismo da região. Dá-nos a conhecer as quintas já demolidas e existentes, expondo uma rica coleção de ilustrações e análises das mais variadas quintas que compõem o património da região. Este também tem dado a face a várias palestras, divulgando e transferindo conhecimentos da riqueza arquitetónica que os nossos antepassados nos presentearam, pois para ele estas edificações são umas verdadeiras pérolas do atlântico.

1.4. Metodologia

A presente dissertação e respetivo projeto desenvolveu-se em diferentes etapas metodológicas, sendo elas:

- Recolha bibliográfica, referente à história e evolução arquitetónica da temática em estudo, “Quintas da Madeira”;
- Levantamento métrico do edifício e levantamento topográfico de toda a sua envolvente, visto não existirem desenhos com o levantamento topográfico local;
- Registos Fotográficos;
- Análise da Legislação aplicável referente a área e objeto de estudo, cedida pela Camara Municipal de Santa Cruz;
- Trabalho de Campo, recolha de informação pela vizinhança sobre o historial do edificado a reabilitar;
- Visita a outras obras da mesma temática de estudo de casos semelhantes, com o propósito de criar inspirações e fundamentos para o trabalho a ser desenvolvido;
- O projeto a cumprir, com base nos casos analisados e conforme as possibilidades do caso em estudo;
- Apresentação da Proposta de Reabilitação da Quinta das Figueirinhas, apresentando propostas de novos volumes e áreas ajardinadas, destacando a necessidade de ressuscitar o antigo e genuíno, criando um diálogo entre a arquitetura de diferentes épocas;

1.5. Objetivos

Numa parte introdutória, através de uma pequena investigação, dar a conhecer a origem e evolução destas quintas, assim como o papel que estas tiveram no desenvolvimento da região.

Reabilitar a Quinta das Figueirinhas aproveitando do volume principal, Casa-mãe, salvaguardando o seu carácter arquitetónico e adaptá-la a uma nova era que garanta a sua nova funcionalidade, de modo a garantir-lhe uma nova e próspera continuidade temporal.

Propor um novo volume de ampliação, abordando a relação entre tradição e inovação, estabelecendo uma dissonância de fronteiras entre novo e antigo.

Recriar a Casa do caseiro com o objetivo de promover a cultura, gastronomia e tradições regionais, como uma vertente diferenciativa das diferentes cadeiras hoteleiras.

Reintegrar novos elementos arquitetónicos, manifestando o desejo de reconquistar uma arquitetura esquecida e degradada mas, acima de tudo, de incontestável valor histórico-social.

1.6. Breve introdução às quintas da madeira

No início do século XVIII, na ilha da Madeira nascem as típicas Quintas Madeirenses contempladas de amistosos jardins, inicialmente edificadas como residências de famílias abastadas, mercadores e colonos de grandes poderes financeiros. São então as quintas madeirenses definidas como:

“[...] uma propriedade rústica e urbana, de maior ou menor extensão, murada em todo o seu perímetro ou ao menos numa parte considerável dele, contendo sempre uma boa casa de habitação, rodeada de jardins e passeios assombreados com maciços de árvores. Dá-lhe acesso uma porta gradeada de ferro, de certo aparato arquitetónico, comunicando com um passeio que conduz diretamente à residência”. (SILVA & MENESES, 1978)

Muitas destas quintas eram também compostas por uma capela, casinha de prazeres, a casa do caseiro e um torreão implantado na volumetria da casa senhorial. A casa do caseiro, de pequenas dimensões, destinava-se ao alojamento do próprio, pois ele fazia a manutenção de toda a propriedade senhorial a tempo inteiro.

A torre mirante ou torre avista-navios cumpria a mesma função das casas de prazer, ou seja admirar a envolvente, neste caso tornando o principal motivo de contemplação o Oceano. “A torre avista-navios tinha varias funções: destinava-se não só a observar o movimento portuário como também assinalar o protagonismo social do seu proprietário.” (MATOS, 2015).

A partir do século XVIII, as funções das quintas madeirenses foram modificando de acordo com a evolução do Funchal como zona cosmopolita. Tornaram-se em espaços de estatutos sociais próprios, de negócio e de poder (que se foram deteriorando a partir do século XX), ou ainda de lazer, assim como em espaços habitacionais para implementação de uma nova “burguesia heterogénea” britânica, com maiores possibilidades económicas, constituída por industriais, banqueiros e comerciantes. (GOUVEIA, 1984; SILVA,2013)

A influência atlântica que esta comunidade britânica detinha durante o século XVIII, foi responsável pela mercantilização dos produtos madeirenses, como o vinho, o imobiliário e o açúcar, para a comercialização mundial, pois, por esta altura, o Funchal era classificado como o posto britânico do atlântico (BETTENCOURT, 2007; SILVA,2013).

Neste período histórico, a quinta madeirense sofre algumas influências inglesas, muitas delas alugadas à burguesia inglesa, estas passaram a ser referenciadas como “quintas de aluguer”.Com esta afluência às quintas por parte de mercadores e viajantes ingleses, alguns acabaram por construir as suas próprias quintas implementando novos conceitos arquitetónicos.

Durante o séc. XIX e inícios do séc. XX, estas quintas presenciaram um período de turismo terapêutico, acolhiam enfermos que, em busca de climas favoráveis, procuravam cura para as suas doenças pulmonares. Permaneciam longas temporadas hospedados nestas propriedades em busca da tão falada “cura dos ares”.

O jardim era, simultaneamente, proteção da intimidade da casa e espaço de encontro e lazer dos seus habitantes. Na quinta de aluguer madeirense, a estas duas funções somava-se ainda uma terceira: o jardim era instrumento de cura, lugar onde o enfermo repousava inalando a o ar puro e temperado da ilha, isto é, tinha uma função terapêutica. (MATOS, 2015)

Sendo esta uma estância terapêutica, os jardins tinham a função de purificar o ar, curando os enfermos que passavam horas passeando pelo jardim, respirando o miraculoso ar que estas quintas lhe ofereciam.



Figura 1: Conjunto de fotos do Jardim da Bela Vista. (Foto de Autor)

A composição dos jardins destas quintas refletiram-se também nos jardins públicos ao longo dos espaços urbanos. Eram considerados os jardins do povo, povo este que acabava por ter um espaço social aprazível para além da sua própria casa. Eram espaços naturais vívidos, muito procurados pela sua tranquilidade e beleza.

A tipologia mais predominante nas quintas madeirenses é a casa “bloco” de volumetrias retangulares com traçados bem rígidos e definidos, geralmente cobertos com um telhado de quatro águas, as suas fachadas são marcadas por um ritmo de vãos em ambos os pisos. Destaca-se ainda a tira cor-de-vinho nas suas fachadas que contrasta com a restante volumetria branca. Como podemos verificar na figura 2, a quinta da bela vista é um bom exemplo dos traços arquitetónicos originalmente definidos como quinta madeirense.

Já nas quintas de influência inglesa, como exemplo da quinta das palmeiras, embora de planta retangular, existe um contraste entre planos retos e volumes cilíndricos. Destaca-se os vãos que se encontram marcados nas suas formas cilíndricas designados por “bay windows” e as suas varandas de metal.



Figura 2: Quinta da bela vista. (Foto de autor)



Figura 3: Quinta da palmeira. (Foto de autor)

Na grande maioria dos casos, tratou-se de uma arquitetura sem arquitetos construída de acordo com saberes e tecnologias que, durante séculos, mantiveram elevado grau de imutabilidade: no modo de lavrar e assentar as cantarias, de erguer as paredes, de caiar as fachadas, de escolher a madeira para os sobrados, de armar os telhados e revesti-los a telha de meia cana, ou de calçar, a seixo basáltico, os passeios dos jardins. (MATOS, 2015)

A mobília interior destas propriedades, na sua maioria de proveniência inglesa, eram importadas pelos grandes colonos e mercadores ingleses através das suas embarcações.

Os jardins tinham também um mobiliário muito característico. Os candeeiros e os bancos, de madeira e ferro fundido, de formas suaves e clássicas.

Embora se encontrem muitas destas quintas com influências britânica, é de realçar que nunca se desvinculou da sua composição típica madeirense, de maneira que nos dias de hoje, ao entrar numa destas quintas, conseguimos ter a perceção e entendimento da arquitetura genuína criada pelos nossos antepassados.

Durante o século XIX, ainda existiu uma réstia de esperança quando muitas Quintas eram alugadas ou arrendadas como espaços de férias para os visitantes da Ilha da Madeira. Porém, a situação demográfica que a Ilha da Madeira e a capital, o Funchal, estavam a passar durante os meados desse século, provocou a necessidade de se construir novos apartamentos, moradias e hospedarias para acomodar uma demanda de novos e mais exigentes turistas que visitavam a Ilha. (GOMES, 2012; SILVA, 2013)

Apesar de durante o século XX ainda existirem quintas de aluguer, e estas terem os seus clientes, a primeira escolha dos turistas que visitavam o destino recaía nos novos e modernos hotéis construídos, como o Reid's, Savoy, Casino, entre outros, diminuindo, assim, a procura das quintas históricas que, nalguns casos, eram destruídas para darem lugar aos novos estabelecimentos hoteleiros. (MATOS, 2013)

Devido a estas peripécias adversas, as quintas foram relegadas para segundo plano, forçando os seus proprietários à venda. Nos dias de hoje, algumas já desapareceram ou foram desfiguradas por empreendedorismos de vistas curtas. Felizmente, prevalece a visão de que estas propriedades são de um valor insubstituível, oásis de pura história, diversidade arquitetónica e botânica.



Figura 4: Ilustrações do Mobiliário de Jardim.(Foto de autor)

Parte II

2. Projeto - Memória Descritiva e Justificativa

2.1. Localização

A área de estudo localiza-se na costa Sul da Ilha da Madeira, na freguesia do Caniço, inserida no concelho de Santa Cruz. A maior atração turística deste concelho é certamente a estátua do cristo Rei situada numa das encostas à beira-mar. É também um concelho onde se encontram grandes cadeias hoteleiras e uma das zonas habitacionais mais procuradas, tornando-se um polo de concentração turístico e habitacional. Esta procura é também influenciada pelo aeroporto que se situa neste concelho, nas proximidades da área de estudo.

O acesso viário da área em estudo é realizado a norte, através da antiga estrada regional, que no seu passado era a única ligação viária entre as duas extremidades da ilha. A propriedade situa-se no topo de uma encosta de uma ribeira, o que permite uma visibilidade favorável sobre o mar e a zona baixa do concelho. A travessa das Figueirinhas é uma passagem pedonal que delimita o terreno à sua direita. Este é o principal acesso pedonal que os cidadãos utilizam para se deslocarem entre a parte superior e inferior do concelho.

Analisando a sua envolvente, predominam edifícios de carácter habitacional e espaços verdes, na sua maioria utilizados para plantações hortícolas.



Figura 5: Vista aérea com a identificação e localização da Quinta das Figueirinhas. (Fonte: Google Earth).

2.2. Enquadramento com os elementos de gestão territorial

Quanto ao enquadramento com os elementos de gestão territorial, fez-se uma análise à planta de ordenamento e planta de condicionantes do PDM de Santa Cruz.

O PDM de Santa Cruz esteve em revisão e foi ratificado pela Resolução do Governo Regional da Madeira (n.º 607/2004 de 29 de Abril) e publicado no Diário da República n.º 131, II Série de 4 de Junho de 2004.

Após a consulta da Planta de Ordenamento identificamos a zona de intervenção, como zona de expansão urbana e colmatagem de baixa densidade.

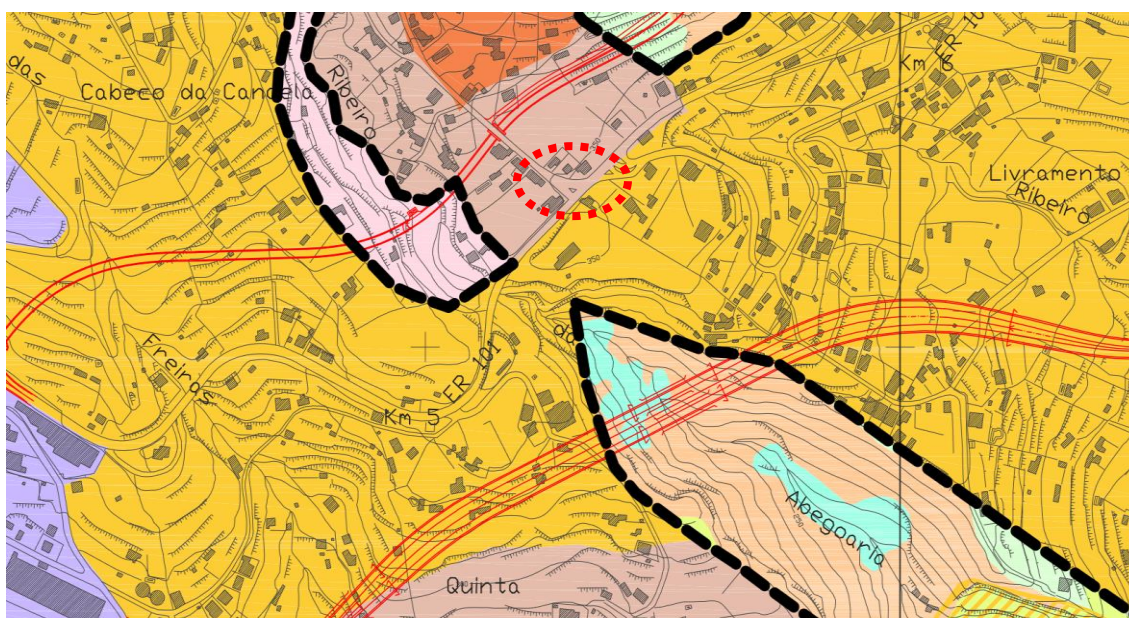
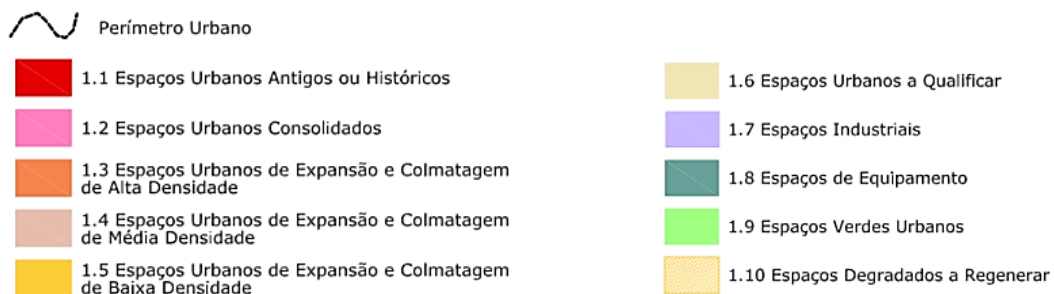


Figura 6: Planta de Ordenamento do território. (Fornecida pela Camara Municipal de Santa Cruz)



Consultando a planta de condicionantes (em anexo) concluímos que a área de intervenção não esta abrangida por nenhum fator condicionante.

Para além da legislação estabelecida pelo PDM de Santa cruz, utilizou-se o Decreto Legislativo Regional n.º 19/2017/M, de 27 de Maio, que estabelece o regime jurídico da instalação, exploração e funcionamento dos empreendimentos turísticos.

Na legislação acima referida destaca-se o “artigo 4” que estipula que para se considerar Quinta hoteleira:

1 - Os empreendimentos turísticos cujo edificado assente num ou mais prédios preexistentes, com características e valor, seja cultural, patrimonial, arquitetónico ou artístico, que espelhem uma identidade de época na história da Madeira, podem ser classificados como Quintas da Madeira.

2 - Essa classificação depende da existência na área edificada, de um edifício principal, a casa-mãe, ao que deve acrescer, as casinhas-de-prazer e outras construções tradicionais, conjugando-as com espaços verdes na área de logradouro envolvente, de preferência preservando as áreas ajardinadas, passeios e caminhos, miradouros, árvores e/ou áreas de cultivo existentes, destinados a serem usufruídos pelos seus hóspedes.

3 - As edificações existentes devem preservar as suas características arquitetónicas, construtivas e decorativas originais, adaptando a nova função àquilo que são as valências históricas e patrimoniais dos edifícios.

4 - A casa-mãe deve funcionar como espaço privilegiado para promover experiências e vivências diretamente relacionadas com a memória do edificado original, oferecendo aos hóspedes um serviço de exceção e qualidade proporcional à relevância histórica e patrimonial do lugar.

5 - As novas edificações, devem cumprir os seguintes condicionamentos:

a) Valorizar a paisagem, otimizando a relação da quinta com o território e dos edifícios com os espaços envolventes;

b) Privilegiar o diálogo entre a arquitetura contemporânea e o património edificado com características históricas de relevo e seus valores de identidade e autenticidade.

(Decreto Legislativo Regional n.º 19/2017/M, de 27 de Maio)

2.3. Morfologia do espaço existente

A propriedade em estudo tem uma área de 9252 metros quadrados e é definida por três frentes: pela estrada regional, pela travessa das figueirinhas e pelo rochedo da encosta sobre a ribeira. Cota-se a 350 metros de altitude e no geral define-se como um terreno relativamente plano, exceto no limite do terreno sobre o rochedo onde apresenta um declive acentuado.

O espaço apresenta algumas construções pré-existentes, a “Casa-mãe”, já em elevado estado de degradação e uns pequenos anexos sem qualquer valor arquitetónico na sua proximidade. Destacam-se a presença de gigantes Cedros, espécie arbórea de grande porte, típica destas propriedades que formam um grande pulmão verde.

Garças ao trabalho de campo, juntamente com o exame da planta de cadastro fornecida pela Camara Municipal de Santa Cruz, conseguiu-se redescobrir a composição original da propriedade. Além da Casa-mãe e os pequenos anexos atualmente existentes, ficou-se a saber da funcionalidade de uma base em betão pré-existente, de forma retangular rodeada pelos cedros, que outrora fora usada como campo de ténis. Soube-se também da existência de uma “Casa do Caseiro”, situada junto do campo de ténis que fora demolida algures no passado.

Como podemos ver na planta abaixo apresentada, conseguimos identificar os espaços e edificações originais da propriedade. O traçado preto identificamos o limite da propriedade e a vermelho a área de terreno retirada por parte da autarquia, para a construção de uma paragem de autocarros. Ainda identificamos as construções primordiais, a casa-mãe (A), a casa do caseiro (B), os anexos (C), o campo de ténis (D) e os lagos (E).

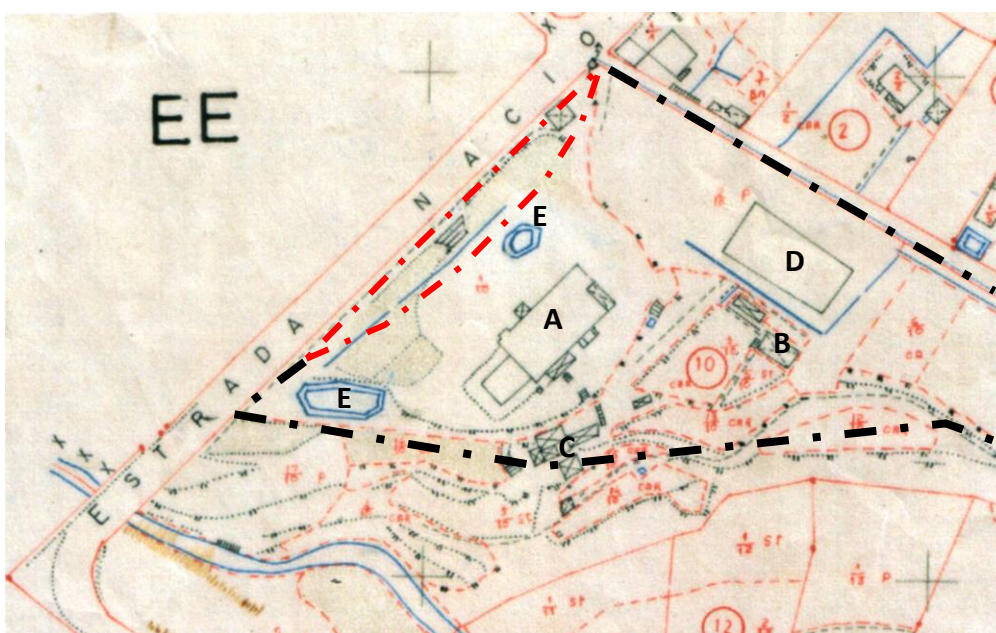


Figura 7: Antiga planta da cadastral. (fornecida pela Câmara Municipal de Santa Cruz)



Figura 8: Planta de Levantamento do local. (sem escala)

Tratando-se de uma ilha vulcânica, aproveitaram-se as matérias-primas que dariam forma e solidez as edificações. Nesta propriedade, destacamos a grande presença da pedra basáltica, esteja ela nas paredes das edificações, muros de contenção de pedra aparelhada ou nos pavimentos calçetados de pedra talhada. Esta grande presença do basalto na arquitetura madeirense, mais conhecida na região como “pedra viva”, deve-se à grande abundância deste recurso de origem vulcânica. A propriedade encontra-se amurada em todo o seu perímetro, na frente estrada, por um muro de betão e na travessa das figueirinhas, por um muro de pedra aparelhada.

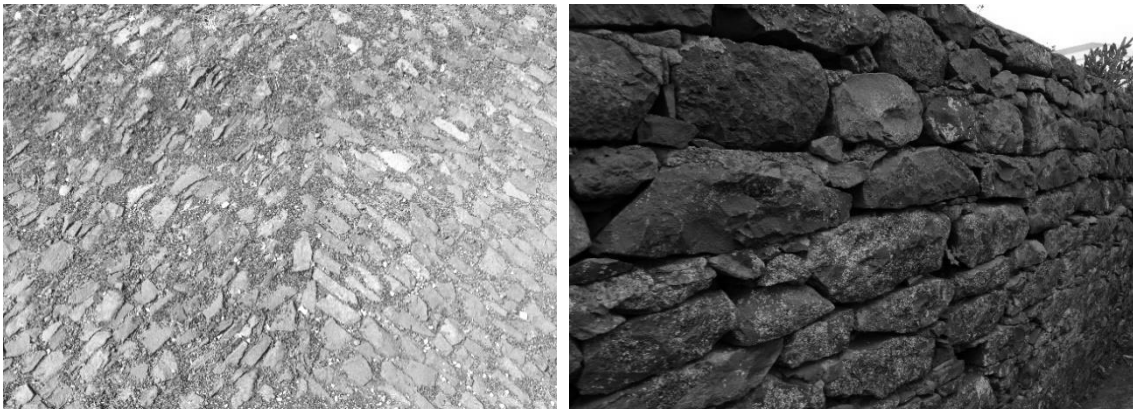


Figura 9: Fotos da calçada e parede de pedra basáltica da propriedade. (Foto de autor)

A casa-mãe, edificada no séc. XIX para fins habitacionais, é constituída por duas volumetrias retangulares adjacentes que encontram-se implantadas na cota mais alta da propriedade. A volumetria principal de 211 metros quadrados e composta por duas assoalhadas, marcadas por alguns frontões e pelos grandes vãos, embelezados pelas tradicionais cantarias em pedra basáltica. A segunda volumetria, mais regular e simétrica, é de menores dimensões e conta apenas com um piso térreo de 40 metros quadrados. É também definida por dois vãos simétricos nas suas três fachadas e invés de cantarias, os vãos são acabados de cimento assemelhando-se à textura e cor da cantaria original.



Figura 10: Fotos da Casa-Mãe. (Foto de autor)



Figura 11: Fotos da Casa-Mãe. (Foto de autor)

Pressupõe-se que a edificação sofreu algumas alterações já no séc.XX atendendo á existência de lajes de betão e técnicas construtivas mais avançadas em alguns compartimentos. Devido à inexistência de desenhos técnicos, não conseguimos apurar na totalidade a funcionalidade original interna da casa, assim como a constituição dos telhados. Entendemos através dos frontões da volumetria principal que o edifício foi alvo de varias modificações ao longo do tempo e que alguma das águas furtadas estavam direcionadas para o seu interior o que favoreceu infiltrações de águas, acelerando o ritmo de degradação de toda a edificação. A volumetria secundária, era composta por um telhado furtado de duas águas, sendo que uma das pendentes estava direcionada para a parede que ambas as volumetrias partilhavam.

Devido à grande presença da madeira na estrutura da edificação, esta acabou por ser o “elo” mais fraco da construção. A armação do telhado e das vigas que suportavam os pavimentos assoalhados fustigadas pelas condições climatéricas adversas, acabaram por desabar restando as suas fachadas exteriores.

As fachadas ornamentadas de cantarias de recorte clássico de pedra basáltica encontram-se atualmente fragilizadas e em risco de desabamento. Nos seus vãos destacam-se os vestígios de caixilharias de madeira e seus típicos tapa-sóis.

Supõe-se que os anexos que se encontram na proximidade do edifício principal funcionavam como apoio ao caseiro para a manutenção da propriedade. Foram edificados mais tardiamente, algures no séc. XX e são compostos por paredes de blocos de cimento e laje de betão.

Analisando as plantas de levantamento do edifício, constatamos que em ambas as assoalhadas eram definidas por um corredor central que distribuía o cesso aos seus compartimentos laterais. Entende-se que no piso térreo situava-se a área comum enquanto no piso superior localizavam-se os quartos. Devido ao seu elevado estado de degradação apenas conseguimos apurar o compartimento da cozinha e as instalações sanitárias, pelo acabamento em cerâmica das paredes e os quartos quando não compostos de instalações sanitárias contavam um lavatório de apoio assente na parede estrutural das fachadas.

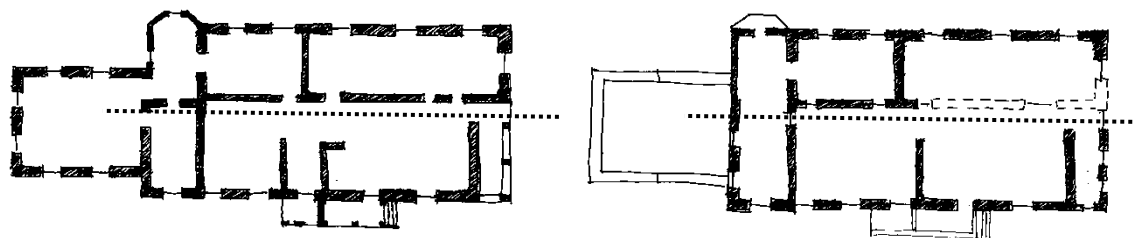


Figura 12: Plantas esquiço do Levantamento métrico do edifício, Rés-do-chão e primeiro piso, respetivamente.

Estabeleceu-se no local, devido ao elevado estado de degradação que apenas se iriam aproveitar as paredes estruturais, na sua maioria paredes exteriores que após reforçadas, dariam uma boa base para o projeto a realizar.

Sendo esta uma típica quinta de origem madeirense, denota-se que alguma das saliências volumétricas não faziam parte da volumetria original, devido ter sido alvo de ampliações e estas terem sido edificadas utilizando uma linguagem e materialidade arquitetónica diferente da predominante.



Figura 13: Conjunto de Imagens da Casa-Mãe. (Foto de autor)

Quanto à sua envolvente, o terreno apresenta-se no geral coberto com vegetação variada e espontânea com a predominância dos cedros de grande porte. Destaca-se ainda a sul existência de um pequeno patamar plano sobre o rochedo, assegurado por pedra basáltica.



Figura 14: Fotos da envolvente. (Foto de autor)



Figura 15: Fotos da propriedade. (Foto de autor)



Figura 16: Fotos da propriedade. (Foto de autor)



Figura 17: Fotos da ruína. (Foto de autor)

2.4. Implantação e conceitos

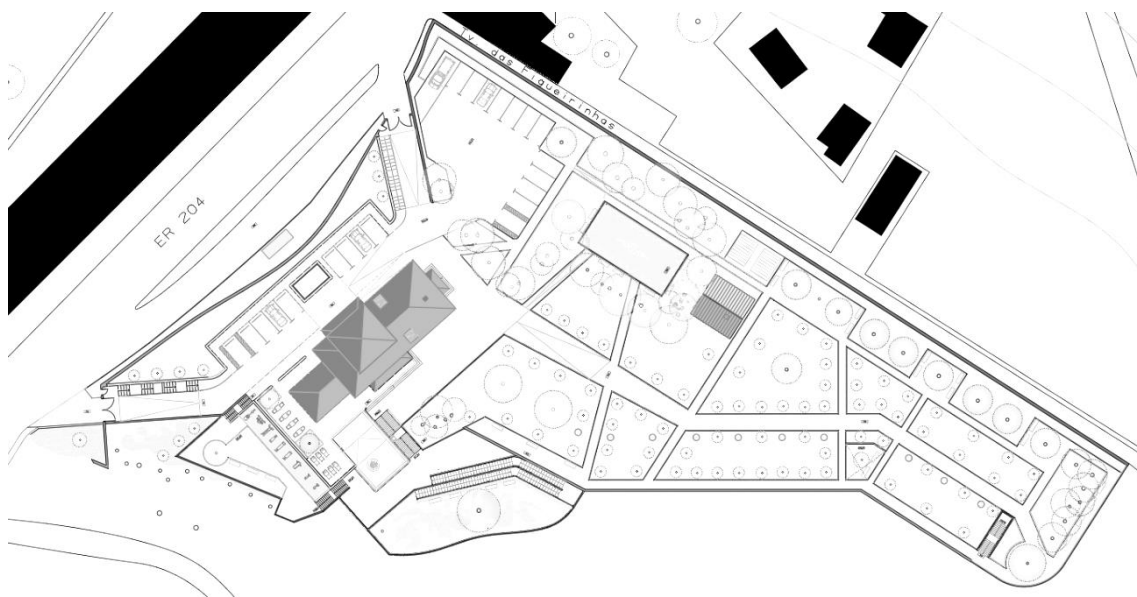


Figura 18: Planta de Implantação.

Em termos de implantação, estipulou-se que a casa-mãe, sendo um edifício histórico e principal, deveria continuar a ter o principal destaque. Este seria a “cara” da propriedade e teria primeiro impacto na chegada dos hóspedes.

Devido à entrada atual não permitir a saída e entrada de veículos, criou-se uma nova via de acesso automóvel funcional. Esta é iniciada através de uma rampa à esquerda na frente de estrada, com direção ao edifício principal, quando atinge a cota de implantação do edifício este toma o alinhamento da edificação em toda a sua frente permitindo a largada de bagagens e passageiros na porta de entrada do edifício. Posteriormente, o cliente poderá parquear o carro nos espaços à frente do edifício ou parquear numa segunda área de parques à sua direita, entre os grandes cedros. Se optar por sair da propriedade, faz-se à rampa logo à sua esquerda que acede novamente à via pública.

O edifício principal toma as mesmas proporções em planta, mas com implementação do torreão, marcou-se afincadamente não só a volumetria no espaço como também a organização e composição do seu espaço exterior. Esta frente geométrica da receção é marcada pelo espelho de água, pavimentos, composição arbórea e pelos parques de estacionamento que no conjunto realçam a área de receção ao hóspede na sua chegada.

Como referido anteriormente a propriedade encontra-se delimitada por muros em duas das suas três frentes. Na frente de estrada o muro encontra-se sem qualquer acabamento, pois quando edificado pela autarquia não foi prestada atenção à propriedade em que este se inseria. Determinou-se que deveria ser revestido em lajetas irregulares de pedra basáltica, sendo que algumas destas lajetas fossem canteiros de forma criar uma parede parcialmente verde. Na sua

outra frente, encontra-se o muro que delimita a propriedade em relação à travessa das figueirinhas, este composto de pedra basáltica apresentando-se no seu estado original, embora na falta de algumas pedras se pretende a sua recomposição, sem alterar o seu estado original.

Junto da placa de betão existente, convertida em praça, implantou-se um novo volume de pequenas dimensões intitulado como a Casa do Caseiro.

O volume de ampliação de carácter contemporâneo é composto de um só piso e encontra-se implantado a uma cota inferior comparada à cota do edifício principal. Implantado estrategicamente nas costas da casa-mãe, de forma a “ocultar-se” das restantes edificações, tendo o mínimo impacto possível na composição primordial da propriedade. Este desenvolve-se ao longo do limite da propriedade sobre o rochedo e antiga parede de pedra. Deste modo, resolveu-se o declive acentuado do terreno e garantiu-se uma cobertura verde acessível que se difunde com a cota superior do jardim.

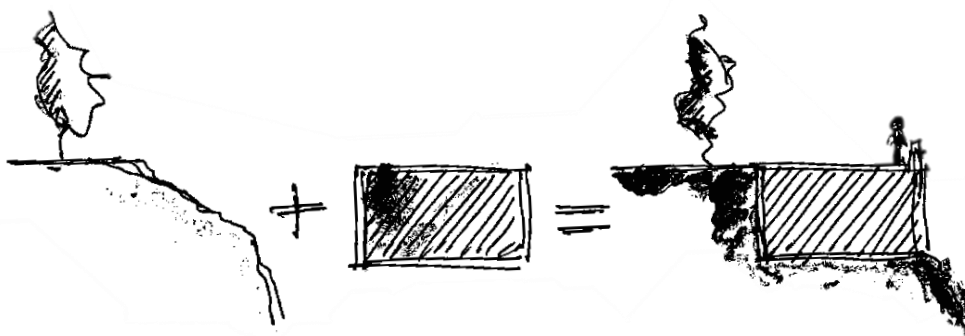


Figura 19: Esquiza conceptual da Implantação do Edifício de ampliação.

O acesso ao novo edifício é feito por uma escadaria que se encontra junto à piscina, ou em casos especiais pela plataforma elevatória que acompanha as escadarias. A conjugação da implantação da piscina infinita com a escadaria resulta em vários enquadramentos visuais sobre o espelhado da água da piscina, à medida que o observador desce de nível.

O ginásio ao ar livre surge junto à piscina no topo do terreno mais à esquerda. É composto de várias máquinas que permitem ao hóspede exercitar-se enquanto aqui hospedado.

Quanto aos parques de estacionamento, estes encontram-se divididos em dois espaços e somam um total de 22 lugares, sendo que dois deles são dimensionados para pessoas com mobilidade reduzida e um destinado à ancoragem de carrinhas de passageiros.

A paragem de autocarros na frente da propriedade permite não só a largada de passageiros, quando transportados por grandes autocarros, como também permite que os hóspedes usem os transportes públicos com uma grande facilidade.

Todos os anexos que se encontravam na propriedade foram demolidos por não apresentarem nenhum valor arquitetónico ou qualquer utilidade no projeto apresentado.

Propõe-se que o jardim da propriedade seja de carácter público, de modo que qualquer pessoa possa visitar e usufruir dos espaços verdejantes que a quinta oferece.

Na sua envolvente, predomina as áreas verdejantes do grande jardim repleto de percursos pedonais definidos por uma geometria simples e organizada permitem o utilizador desfrutar da variedade botânica da região.

2.5. Edificados

2.5.1. Edifício Pré-existente - Casa-mãe

Na edificação pré-existente, intitulada como casa-mãe, pretendeu-se manter os traços arquitetónicos originais, com a inserção de novas cantarias idênticas às existentes nos vãos onde estas não existem, o aproveitamento da cornija existente, os novos telhados em telha marselha e as suas janelas com caixilharias de madeira assim como os típicos tapa-sóis.

No acabamento das fachadas, após a sua reparação, optou-se por manter a paleta de cores primordiais, uma tira cor de vinho, que niveladamente se prolonga em todas as suas fachadas, contrastando com a cor branca das restantes fachadas.

Demoliram-se todos os volumes anexados à casa que, devido a ampliações ou intervenções, se desviaram da linguagem predominante do edifício. Despiu-se o edifício das paredes parcialmente destruídas, mantendo apenas as paredes estruturais que dariam uma boa base para projeto.

Após uma breve análise das suas fachadas, e visto que uma delas se encontra parcialmente destruída, decidiu-se redesenhar meticulosamente todas as suas fachadas, atendendo à linguagem arquitetónica existente, que não só adicionasse mais valor à edificação, mas também a sua marcação no contexto urbano, social e cultural.

Sendo a torre avista-navios um elemento arquitetónico típico destas edificações, decidiu-se implementar esta volumetria sobre a fachada a norte, substituindo o frontão que lá se encontrava. Assim, através deste torreão, criou-se uma nova leitura vertical do edifício. A inserção do torreão neste volume baseia-se na tentativa de reorganização das fachadas através da simetria. A sua proporção na fachada é projetada segundo a proporção dourada (retângulo de ouro) e os seus novos vãos mantêm as mesmas dimensões e materialidade dos vãos pré-existent.

De maneira que este torreão tivesse a dimensão e expressão pretendida nos alçados, estabeleceu-se que este se destacaria dois pisos acima do edificado existente e se iria definir por uma planta quadrangular. Com esta simetria, criou-se uma métrica arquitetónica coerente na leitura do edifício.



Figura 20: Esquízo e diagrama da Casa-Mãe.

Através de uma maquete de estudo, analisaram-se e a avaliaram-se quais as possíveis constituições dos telhados e quais deveriam ser implementadas neste projeto. Decidiu-se que as suas coberturas iriam ser composta de telha marselha e iriam sofrer grandes alterações em relação ao seu desenho primordial. A cobertura do corpo principal e o torreão, passariam a ser compostas pelo tradicional telhado de quatro águas, de beirado simples e saliente.

Já no corpo adjacente, originalmente desenhado por um telhado de duas águas, verificou-se que para além de uma das pendentes deste telhado estar direcionada para a parede que ambos os volumes partilham, esta volumetria também não exprimia qualquer tipo de ralação com o volume principal. Estudada esta situação, optou-se por implementar um telhado de três águas furtadas, excluindo a possibilidade de infiltrações de águas e volumetricamente criando uma composição de união com o volume principal.

O volume principal fica também fica marcado pelos alpendres que, alinhados pelo torreão e pelas entradas e saídas nas suas duas frentes, protegem os hóspedes das gotas dos beirados nos dias chuvosos. No seu alçado Sul, demoliram-se as construções que não pertenciam à sua volumetria original e repuseram-se as cantarias que se encontravam em falta.

O alçado este foi o que sofreu mais alterações. Por este estar parcialmente destruído, reconstruiu-se a fachada com base numa simetria de vãos, influenciada pela organização interna da casa.

O alçado a oeste, caracterizado pela fachada de união com o corpo adjacente, transforma-se numa fachada de empena cega devido ao telhado da volumetria secundária que lhe está adjacente.

No que respeita ao número de pisos, estes aumentaram, um acima do existente totalizando quatro pisos.

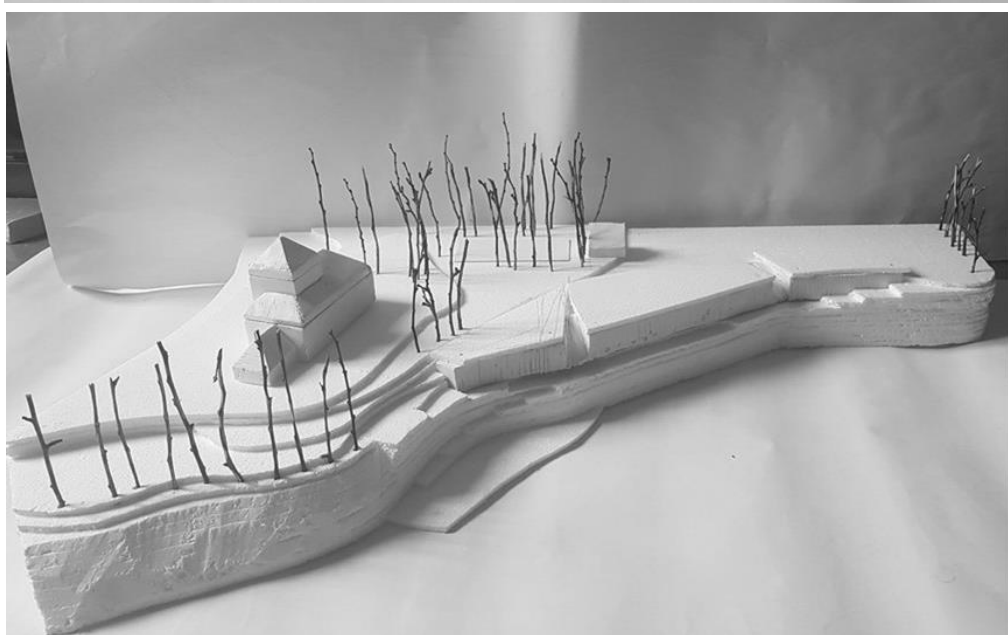


Figura 21: Fotos das Maquetes de estudo.

Piso 0

O piso do rés-do-chão abriga os espaços comuns, sejam eles a receção, os acessos verticais, a zona de estar, o bar, espaço de restauração e a zona de serviços com acesso próprio.

Ainda neste piso, devido ao espaço limitado, a área dos serviços implementados neste edifício são apenas os indispensáveis para o bom funcionamento do bar e do restaurante, sejam eles: a cozinha e sua área de arrumos, zona de lixo, arrumos, sala de máquinas e um anexo. A zona para uso único e exclusivo dos funcionários é composta por uma zona de refeições com cacifos, uma instalação sanitária composta separadamente de dois duches, vestiários e lavatórios para utilização dos mesmos. O hall de entrada é marcado por uma área de pé-direito duplo e pelo balcão de receção. Com o pavimento assoalhado na sua entrada, pretende-se que o hóspede tenha um contacto direto com este material, pois é este material nobre que utiliza-se em todo o pavimento do edifício na distinção dos espaços comuns das áreas de serviço em acabamentos basáltico.

A Sala de refeições é separada por um plano com dois vãos em arco. Este elemento não só serviu para “esconder” o pilar estrutural e coretes, mas também para agrupar as mesas da sala no seu espaço geral.

Com a implementação do torreão criou-se um núcleo central quadrangular onde se encontram os acessos verticais. Com a escadaria de madeira envolta do elevador, pretende-se dar a sensação ao hóspede de que está a subir à torre na procura dos seus aposentos.

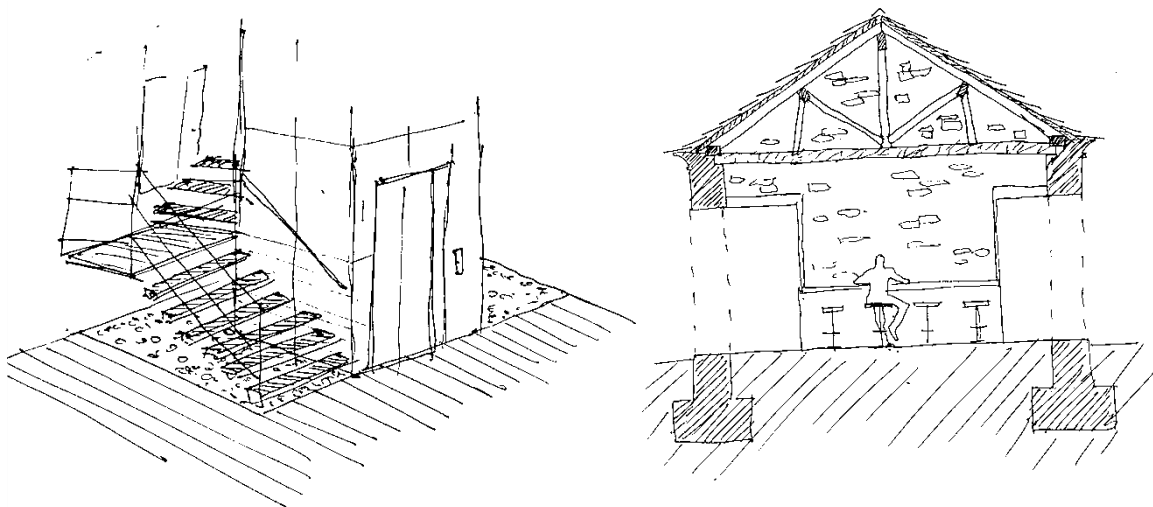


Figura 22: Esquícios da zona de receção e bar.

Na área de estar e bar concebeu-se uma diferenciação material, pela exposição da pedra nas suas paredes, pelo acabamento assoalhado do seu pavimento e pela armação em madeira do telhado, criando-se um discurso arquitetónico neste espaço entre a madeira e a pedra, matérias-primas originais da edificação.

Piso 1

No piso superior, o acesso aos quartos é feito através de um corredor central. Neste piso foram implementados sete quartos, dos quais dois são quartos single e um adaptado de instalações sanitárias para pessoas de mobilidade reduzida.

A organização e composição dos quartos foi muito influenciada pelo desacordo de vãos entre a fachada norte e a fachada sul. Os quartos apresentam uma geometria muito simples e prática, são compostos na sua maioria por um balcão de apoio, um armário e por um móvel corrido tipo cómoda. Em alguns dos casos o lavatório é apresentado fora da divisória das instalações Sanitárias, mas sempre situado nas suas proximidades, facilitando o hóspede quando necessitado da sua utilização. A continuidade do espaço nobre é ainda oferecida pelo pavimento do quarto que se prolonga até a zona do lavatório.

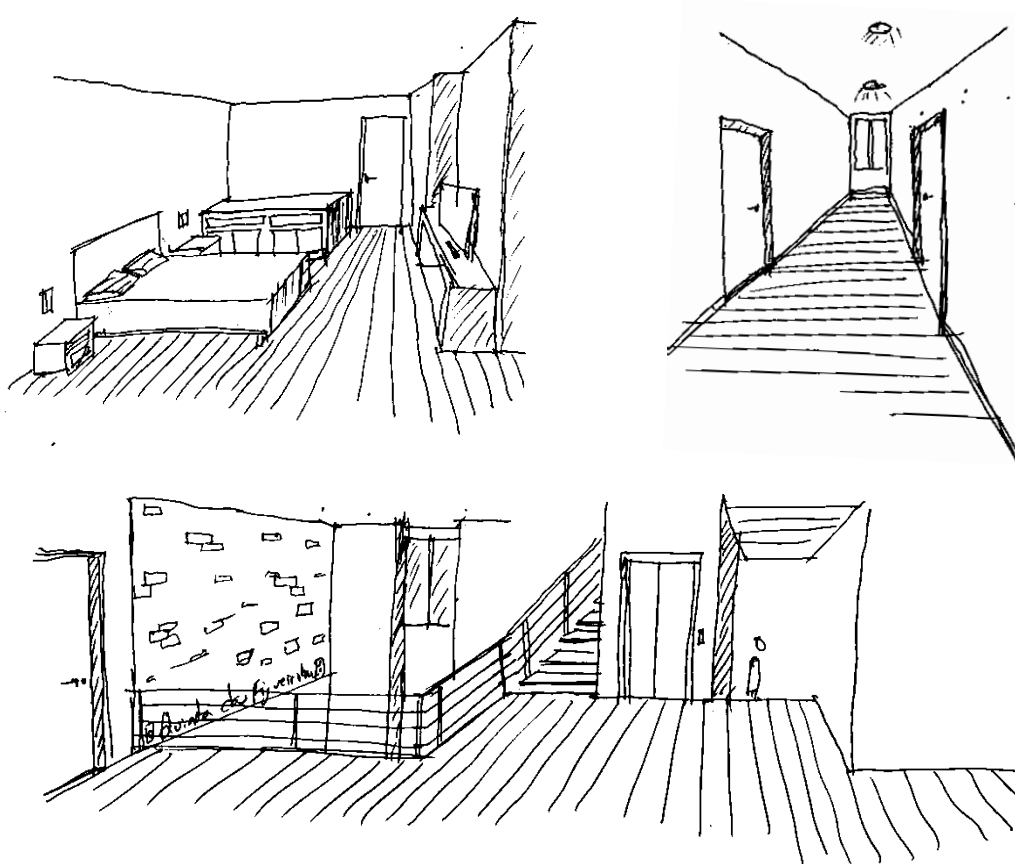


Figura 23: Esquícios do quarto e acessos do piso 1.

Piso 2

No piso seguinte, respeitando o pé-direito mínimo obrigatório, o sótão classifica-se como um espaço habitável. Este piso é composto por uma área técnica e três quartos de dormir, um dos quais single. Em dois dos quartos é criado contacto com o exterior através de vazados no telhado, permitindo a entrada de luz natural para o seu interior.

A inserção da lavandaria neste piso surgiu da necessidade de se aproveitar esta área, pois não tendo dimensões necessárias para a implementação de um quarto e pela ideia de não se criar vãos ou clarabóias na proximidade com o torreão. A lavandaria neste piso acaba também por ser estratégica pois favorece a logística e circulação do edifício. Ao localizar-se no piso intermédio dos quartos, permite que os funcionários não se desloquem ao piso do rés-do-chão sempre que for necessário fazer a limpeza dos quartos.

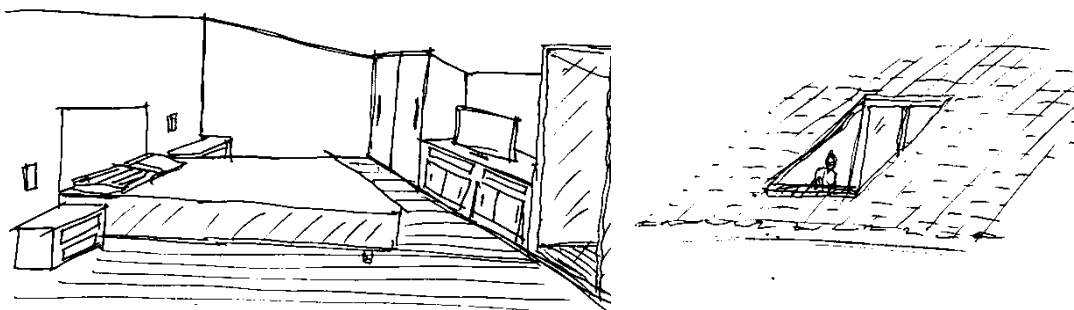


Figura 24: Esquício do quarto e pátio exterior.

Piso 3

No último piso e topo da torre encontra-se o último quarto. Classificado como uma Suite, este quarto é composto de uma grande área de estar e de suas devidas Instalações Sanitárias. Este quarto diferenciado devido a estar no topo da torre, é beneficiado de áreas amplas e de uma bela vista nas suas duas frentes.

Propôs-se a possibilidade deste último ser usado como espaço comum, devido à sua utilização primordial ser utilizada como miradouro, que permitia ter uma visibilidade sobre o mar e sobre a serra. Mas, devido as áreas comuns já se encontravam no piso térreo e de modo controlar a circulação integral do edifício, optou-se pela tipologia acima referida.

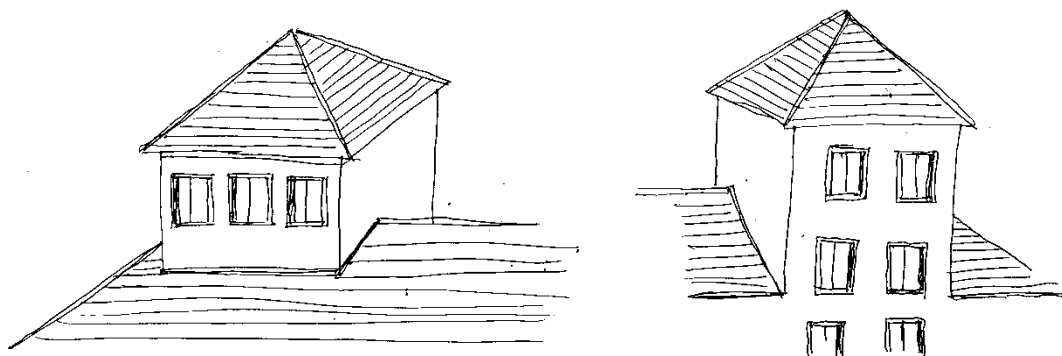


Figura 25: Esquícios do torreão onde se situa a suite.

2.5.2. Novo volume - Casa do caseiro e praça

Comprovado que a Casa do caseiro fazia parte da composição original da propriedade, projetou-se assim um novo volume, recriando esta edificação com base na típica casa etnográfica madeirense. Estas casas eram distinguidas pelas suas fachadas triangulares, resultantes da sua coberturas de colmo inclinadas, de grande declive que se prolongam até ao chão.

Esta edificação irá implantar-se junto da base de betão pré-existente que fora reconfigurada numa praça. A casa do caseiro partilhará os mesmos alinhamentos e terá uma relação muito próxima e direta sobre esta servindo até como um espaço de expansão da própria casa.

A praça “bordada” de calçada basáltica, aspira uma referência ao bordado madeirense e ao seu material predominante na região. As suas gravuras são representadas com basalto de diferentes tonalidades.

Separados pelos cedros e partilhando os mesmos alinhamentos, estes espaços são definidos por um eixo simétrico que os atravessa no seu sentido longitudinal. A praça é delineada por dois quadrados unidos assim como a casa do caseiro, composta por uma planta quadrangular.

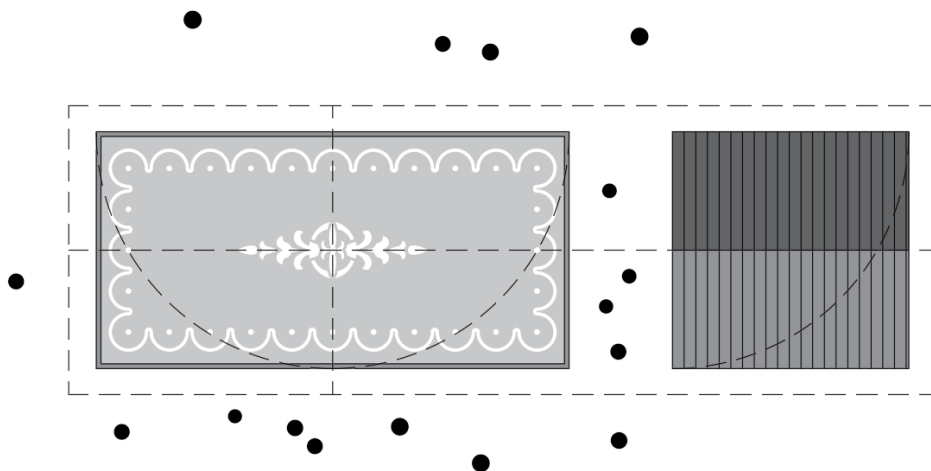


Figura 26: Diagrama da casa do caseiro e praça.

A casa do caseiro é equipada por um forno a pedra, balcão de apoio ao forno, braseiro, e por dois balcões corridos de madeira maciça e pedra basáltica amaciada.

Com o compromisso de promover a cultura, gastronomia e tradições regionais, a casa do caseira veio dar resposta a esta necessidade. Criou-se um espaço aberto de modo que os hóspedes pudessem presenciar a conceção dos próprios manjares. Este espaço apresentará o hóspede de petiscos e bebidas típicas da região (espetada regionais, bolo do caco, Carne Vinha-d'alhos, pão caseiro, poncha, vinhos, etc.). É ainda complementado por umas instalações sanitárias e uns pequenos arrumos nas suas traseiras.

Junto da casa do caseiro reservou-se um espaço hortícola para a plantação de ervas aromáticas e vegetais que sirvam de preparo ou acompanhamento dos petiscos servidos na própria casa.

No interior da edificação, o pé direito mínimo é marcado através de uma diferenciação de pavimentos, de um lado pavimento em basalto, do outro lado pedras miúdas do calhau, que alertam e orientam o utilizador do espaço acessível. A organização do espaço é definida pela geometria dos balcões que permitem uma boa fluidez e mobilidade dos seus utilizadores em todo o seu espaço.

A sua cobertura inclinada de duas águas acaba por ser os planos marcantes e referenciais neste volume. Na sua construção, utilizaram-se materiais modernos e não os típicos materiais originais das edificações, pois não se trata de um a reprodução mas sim uma referência para a sua recriação.

A fachada a sul é apresentada por uma parede de betão aparente, sem qualquer vão, com a possibilidade de agregação de uma planta trepadeira. Já na sua outra fachada direccionada à praça, é composta de um grande envidraçado que permite uma maior incisão de luz no espaço interior e uma total transparência para com a praça.

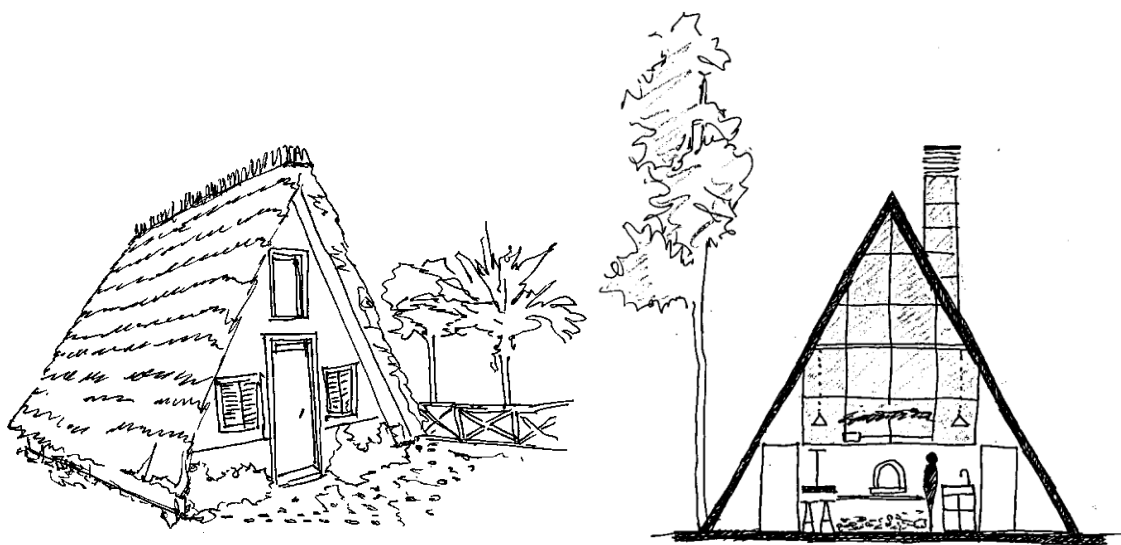


Figura 27: Esquício da casa etnográfica Madeirense e esquício da casa do caseiro.

2.5.3. Novo volume - Volume de Ampliação

O novo edifício de ampliação é um edifício contemporâneo encastrado no limite do terreno com duas quebras ligeiras que se assemelham a forma de um “Z”, cuja implantação foi descrita anteriormente no ponto 2.4. *Implantação e conceitos.*

Devido á limitação da casa mãe decidiu-se projetar este edifício com o intuito de criar um conjunto de unidades autónomas que pudessem albergar mais hóspedes nesta propriedade. O novo volume é composto de uma receção, dez suites, uma área técnica com lavandaria e arrumos. Este volume é independente da casa-mãe, mas ocasionalmente os hóspedes deste volume podem usufruir dos espaços públicos e serviços prestados pelo edifício principal.

O acesso ao edifício é feito pela ponta oeste do volume, a entrada é marcada pelo envidraçado recuado em relação a cobertura do edifício protegendo a entrada e criando um pátio à entrada. Logo à entrada temos a receção e uma área técnica composta por lavandaria e arrumos. O acesso aos quartos é feito por uma galeria interna, que embora soterrada é iluminada de luz natural através de clarabóias, e se prolonga em toda a galeria interna. Estas entradas de luz marcam as entradas dos quartos e informam o hóspede qual o número do quarto se trata, através de um jogo de luz e sombra. O numero do quarto é inserido no vão e através da luz este é projetado para o chão ou parede consoante a orientação solar. Com esta implementação, os quartos passam a ser numerados nas clarabóias e não nas portas. À noite, este vão projeta luz artificial iluminando o corredor e a identificação do quarto simultaneamente. Decidiu-se que o vidro da clarabóia iria ser de tonalidade esverdeada e efeito espelhado de modo assemelhar-se a pequenos espelhos de água quando vistos pelo visitante na parte superior do jardim.

Na segunda “quebra” do volume criou-se um pátio exterior, que é um espaço verde de uso exclusivo aos hóspedes deste edifício, destinado a ser um espaço de leitura ou apenas de relaxamento. No final da galeria interna localiza-se uma saída de emergência que acede à cota superior do jardim.

Derivada da sua forma estreita e comprida criou-se uma *suite* padrão que se repete em toda a extensão do edifício sobre a sua fachada sul. Estas *Suites* são compostas de uma área de estar ampla, uma cozinha e instalações sanitárias. Devido ao edifício estar parcialmente soterrado, restou apenas uma fachada com incidência solar, sobre a qual se inseriu as salas e quartos pois são os mais necessitados de uma boa exposição solar. O alçado é marcado pelo ritmo de altos e estreitos vãos, pelas suas guardas de proteção e pela parede a pedras que atravessa todo o volume. A sua fachada é acabada de branco e no remate com o terreno esta é revestida a pedra, assemelhando-se parede de pedra aparelhada pré- existente.

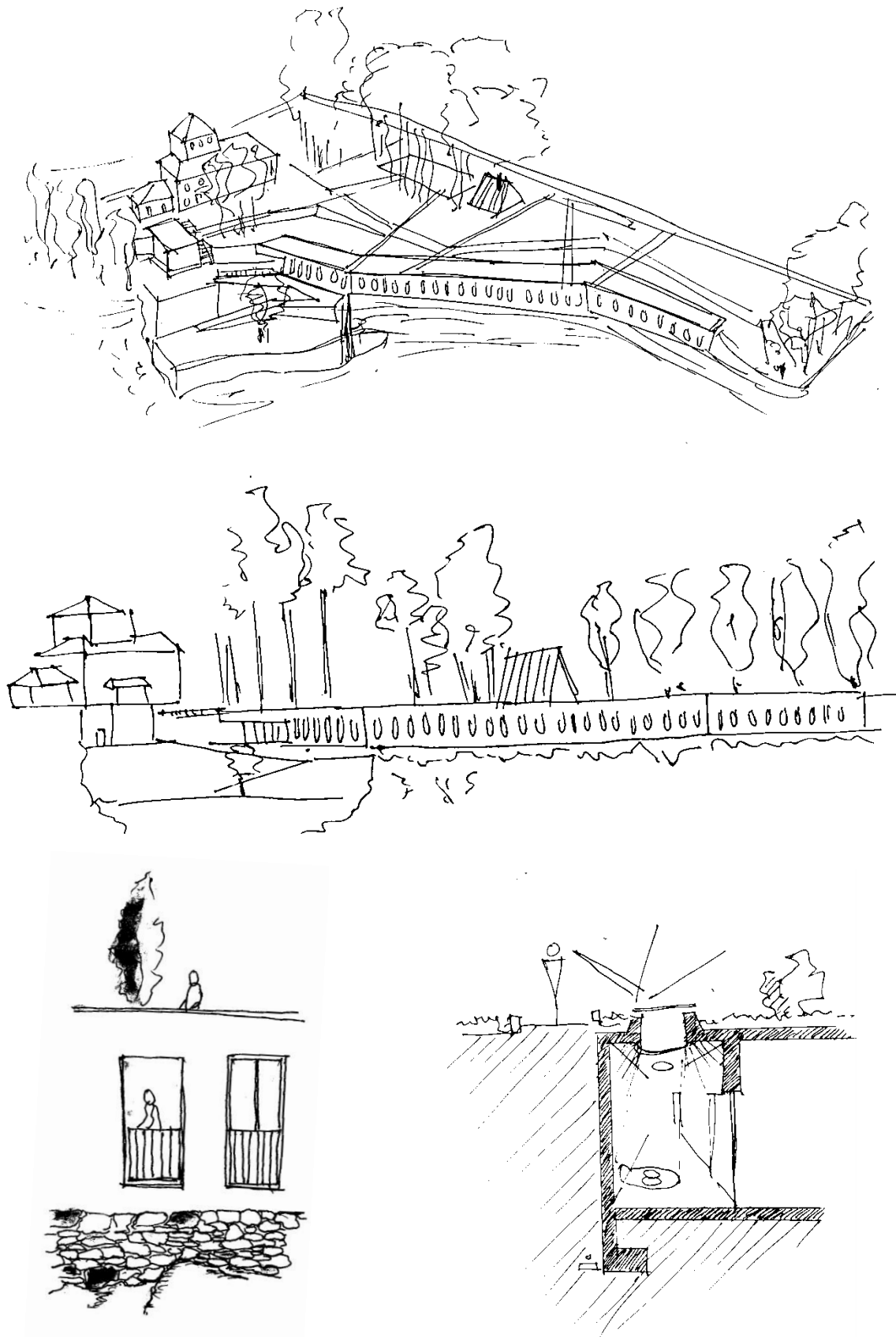


Figura 28: Conjunto de esquiços do volume de ampliação.

2.6. Especialidades do projeto

2.6.1. Jardim

O jardim torna-se um espaço de lazer e prazer, projetado para ser usufruído como um espaço de estar e social de expansão da casa-mãe, proporcionando o convívio humano. Todo o espaço verde está organizado a partir de formas geométricas que separam os canteiros floridos e organizam os percursos a serem percorridos pelos hóspedes e visitantes.

Em toda a extensão dos percursos somos acompanhados por pequena vegetação e árvores de grande porte, onde os sentidos são postos à prova. Na sua extensão é oferecido ao utilizador, através das copas das árvores, um ambiente de jogos de luz e sombra, com o perfume e aroma das flores e arvores que são muito características e conhecidas da região.

O percurso principal inicia-se junto da casa-mãe e prolonga-se até ao limite do terreno. Logo no início deste percurso, a rampa de acesso marca a passagem da casa mãe para o jardim, destacando-se a casa do caseiro logo à esquerda junto da praça envolta de grandes cedros que delimitam o seu espaço. Ao acompanharmos os trilhos somos envolvidos pela vegetação que espalham a sensação de bem-estar, direcionando-nos a algo que ainda está por descobrir. No limite do jardim, a sul, deparamo-nos com um miradouro com uma deslumbrante vista, onde é possível observar entre os troncos das árvores centenárias o nascer do sol sobre o oceano. Os trilhos secundários de menores dimensões prolongam-se através de uma vegetação mais densa, criando recantos sociais compostos por bancos de jardim.

Entre a vegetação projetam-se espaços para a colocação de peças escultóricas, peças de arte referenciadas a cultura e tradições locais, criando um diálogo entre a arte escultórica e a diversidade botânica. Todo o seu mobiliário foi inspirado no mobiliário original destas propriedades, com referencias nas suas linhas e traçados criaram-se novos bancos, postes de iluminação, bebedouros e papeleiras.

Definiu-se que todos os acessos iriam ser calçetados de pedra basáltica, formando “desenhos” geométricos ou apenas linhas e colunas intercaladas entre si, dando ritmo e expressão em toda a sua extensão.

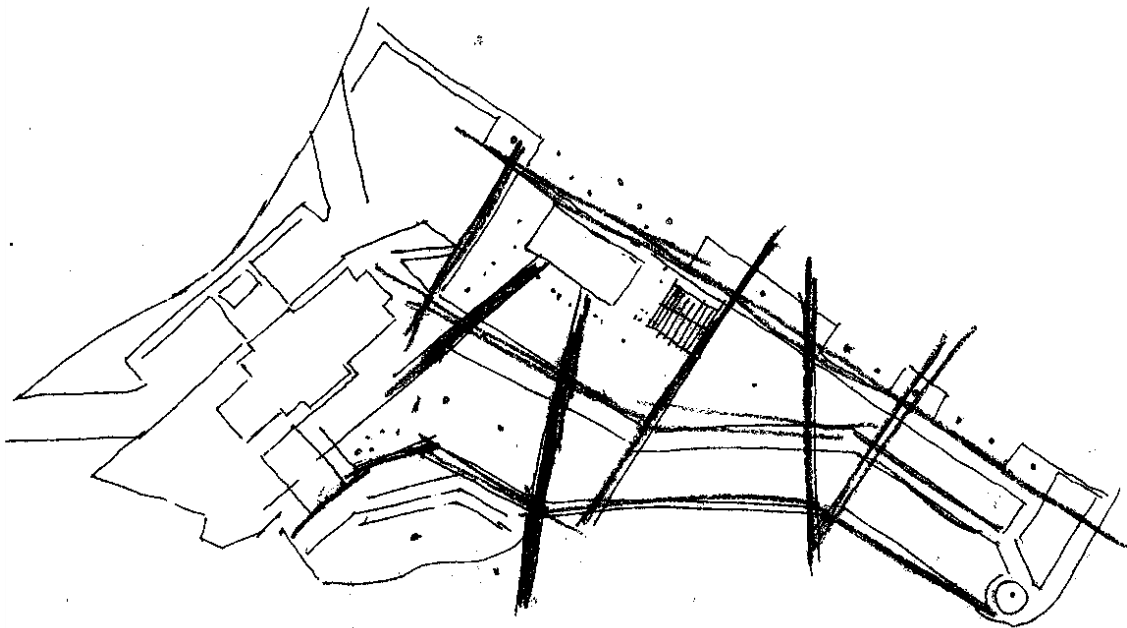
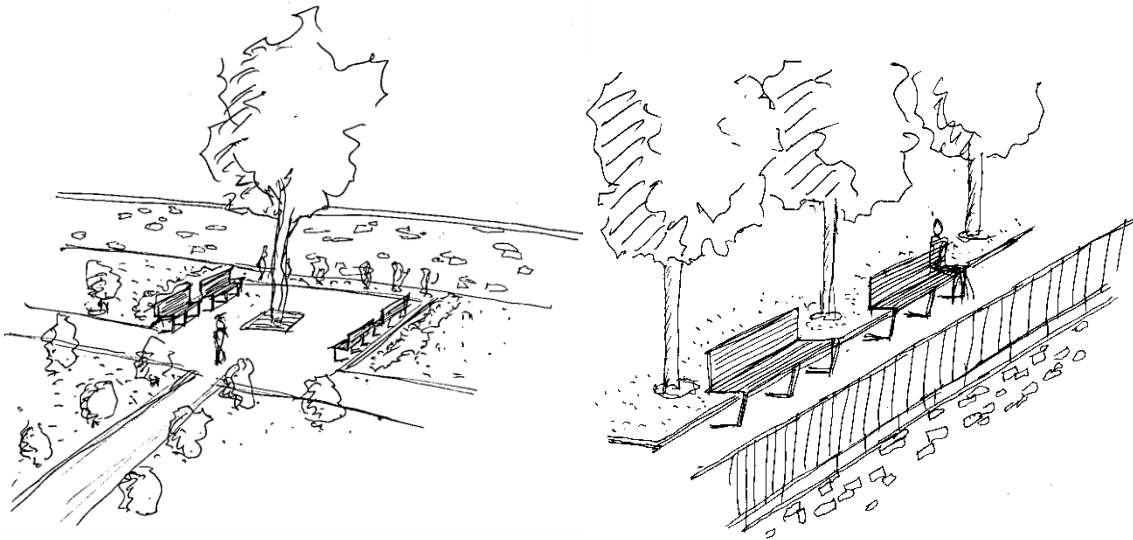


Figura 29: Esquços do Jardim.

2.6.2. Piscina infinita

A piscina infinita surge na frente do alçado sul da casa-mãe entre os grandes cedros que rodeiam a edificação. A sua implantação enquadra-se com a volumetria de menores dimensões destinada à área social e bar.

A sua localização sobre a encosta perto do limite do terreno permite uma excelente exposição solar e um bom enquadramento visual. O manto de água proporciona uma imagem infinita sobre o plano de fundo, dando a impressão que o mar, céu e toda a sua paisagem envolvente se fundem com a água da piscina, criando um surpreendente e único efeito visual.

A água transbordada em todo o seu limite e recai sobre uma calha exterior. Ao cair na calha cheia de pedriscos, a água é recolhida por um cano, direcionada a um reservatório, filtrada e impulsionada de volta à piscina. A sala de máquinas de suporte a piscina situa-se sob ela própria aproveitando a diferença de cotas que o terreno apresenta. Esta edificação é implantada sobre os anexos pré-existentes junto à casa-mãe, que se destinaram a demolir.

No revestimento interior da piscina é aplicado azulejo de tom verde realçando ligação com a natureza do seu espaço envolvente. Os muros que contêm a piscina são compostos estruturalmente de betão armado e por uma segunda camada de pedra basáltica aparelhada pelo exterior.



Figura 30: Imagem ilustrativa da Piscina Infinita. (Fonte: <https://atlaspools.com.au/work/valla-infinity-edge-pool/>)

2.6.3. Ginásio ao ar livre

A ideia de implementar o ginásio ao ar livre no programa surgiu da forte relação que estas propriedades têm pela natureza e pelo ar curandeiro que outrora fortaleceu os hóspedes que por estas quintas passavam. Assim, não só o utilizador exercita o corpo mas também respira o ar puro que este pulmão verde lhe proporciona.

Inseriu-se o ginásio logo à esquerda da piscina e da casa mãe, devido a diferenciação de cotas, este espaço fica mais oculto da restante propriedade dando uma certa privacidade aos seus utilizadores. As máquinas inserem-se sobre os espaços verdes de um modo natural, quase como se elas fizessem parte da sua envolvente.

Exercitar o corpo ao ar livre é uma atividade cada vez mais comum. Com o propósito de proporcionar o bem-estar dos hóspedes, este espaço foi criado com o objetivo incentivar a prática do desporto.



Figura 31: Imagem Ilustrativa do Ginásio ao ar livre. (Fonte: <https://www.pestanacr7.com/pt/hotel/pestana-cr7-funchal/fotos?gf=leisure-services&ca=hotel>)

2.7. Aspetos Técnicos e Materiais

2.7.1. Casa-Mãe

1. Fundações: o edifício pré-existente mantém as fundações das paredes estruturais existentes; com a reconstrução de algumas paredes em betão armado implementaram-se sapatas de betão contínuas.

2. Estrutura: com a adição de novos andares optou-se por implementar uma estrutura de metal em todo o edifício, utilizando-se perfis metálicos IPE 270, IPE 200, UPE 270 e HBE 240; no piso térreo é usado o sistema CUPOLEX, laje de cofragem perdida ventilada que permite a ventilação e proteção face à humidade e às perdas térmicas; nos restantes pisos são utilizadas lajes mistas aço-betão com cofragem de chapas perfiladas de aço galvanizado; a reconstrução dos vãos é assegurada através de vigotas treliçadas, assentes sobre as laterais suportando as cargas, substituindo as originais vergas em madeira já inexistentes;

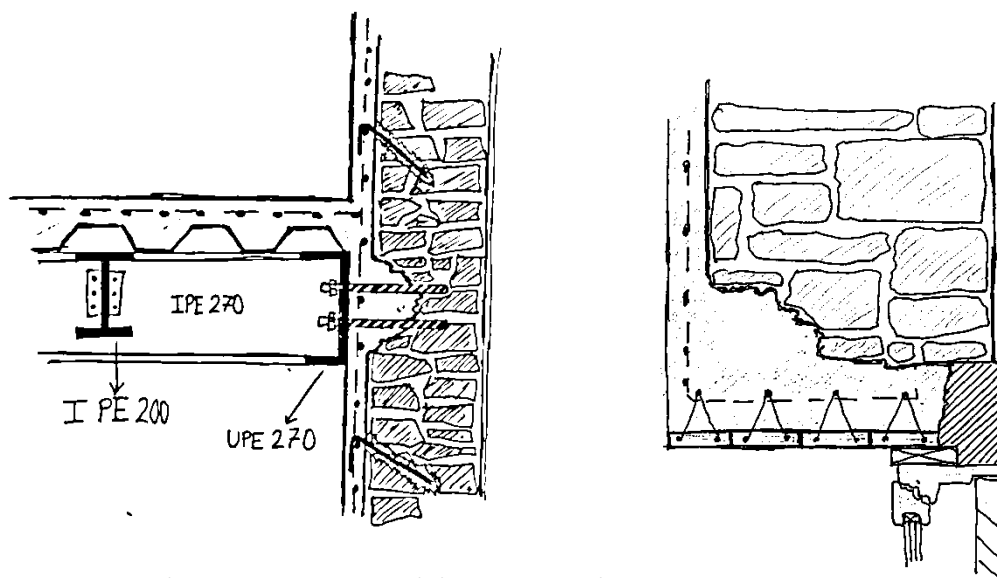


Figura 32: Esquício de pormenor construtivo da laje mista e janelas.

3. Paredes exteriores: as paredes existentes do edifício são recuperadas e reforçadas com uma camada de betão armado pelo seu interior, o isolamento térmico é feito pelo interior com EPS de 5 centímetros e acabamento a branco; no torreão é utilizado o sistema “ETIC” de 8 centímetros pelo exterior sobre tijolo térmico e acústico “PRECERAM” de 24 centímetros, rebocado e pintado de branco pelo interior; na zona do bar e receção é exposta a pedra das próprias paredes em alvenaria;

4. Paredes Interiores: no piso térreo paredes de tijolo cerâmico, com 11 centímetros de espessura, rebocadas e pintadas, ou revestidas de cerâmica; paredes falsas em gesso cartonado tipo “pladur” nos restantes pisos preenchidas de lã mineral, pintadas de branco,

exceto nas instalações sanitárias compostas de gesso cartonado hidrófugo com acabamento cerâmico;

5. Tetos: os tetos falsos em gesso cartonado tipo “*pladur*”, com acabamento a branco e iluminação embutida em todas as divisórias;

6. Escadas e elevador: os acessos verticais são compostos de uma estrutura metálica autoportante com revestimento de chapa de aço galvanizado; optou-se pelo elevador “Schindler 3100”, devido a não necessitar casa de máquinas e sendo uma boa alternativa ao elevador hidráulico; os suportes dos degraus são suportados por um perfil metálico fixado à coluna metálica do elevador; o cobertor do degrau é em madeira de pinho maciço com iluminação LED, embutida na madeira;

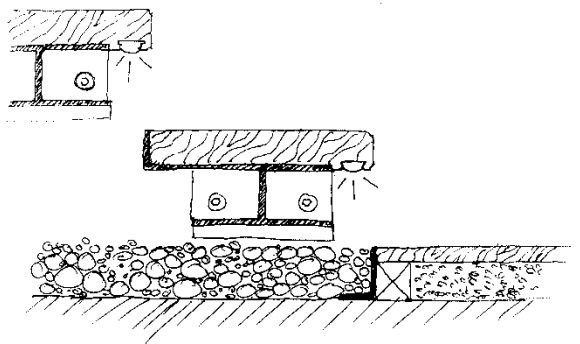


Figura 33: Esquício do pormenor construtivo dos degraus.

7. Coberturas: inclinadas e cobertas de telha marselha da gama “CS DOMUS” de cor vermelho natural, com beirado pouco saliente em relação à cornija, sobre estrutura de madeira de pinho, com caixa-de-ar entre a telha e o isolamento ROOFMATE de 5 centímetros; o remate entre a telha e a parede das laterais do pátio, ao invés do típico murete, o acabamento é feito pelo reboco da parede com a aplicação de tinta asfáltica e posteriormente com a pintura da cor da telha, reduzindo a possibilidade de infiltrações ou fissuras;

8. Pavimentos: soalho em pinho com o preenchimento da caixa em aglomerado de cortiça expandida atuando como isolamento de ruídos e perdas térmicas, nas áreas social e quartos; placa de pedra basáltica areada nas zonas de serviços e instalações sanitárias; pavimentos DECK composto de madeira natural, nos pátios exteriores pertencentes aos quartos do telhado;

9. Vãos exteriores: são compostos de caixilhos de madeira Mogno envernizado e vidro duplo (10mm + 16mm + 6mm), melhorando a componente térmica e acústica do edifício, na sua maioria é usado o sistema oscilo-batente e ocasionalmente sistema de correr; todos os vãos contam ainda com uma segunda folha protetora pelo exterior, o típico “tapa-sol” com sistema

de abrir e em madeira maciça, que impede o quarto de aquecer demasiado no verão, ventilar e renovar o ar interior do quarto e quando necessário bloquear totalmente toda a luz natural;

10. Portas Interiores: portas de batente em madeira maciça com moldura simples; portas de correr em madeira maciça em algumas das instalações sanitárias;

11. Guardas: em aço com corrimão em madeira pinho, com iluminação LED embutida;

12. Móvel: em madeira mogno com acabamento pouco brilhante, feita por medida;

13. Iluminação: na área social e bar é feita de candeeiros de cobre (luz incandescente) suspensos na armação do telhado; nas restantes áreas a iluminação encontra-se embutida nos tetos falsos;

14. Instalações Sanitárias: loiça serie “JADE” da marca Sanindusa, com banheira nas *suites* e base duche nos quartos “single”, os lavatórios em basalto assentam sobre móveis de apoio em madeira maciça;

2.7.2. Casa do caseiro

1. Fundações: sapatas de betão corridas em todo o seu perímetro e laje de betão armado;

2. Estrutura: armação do telhado em madeira pinho com conectores de aço galvanizado entre madeiras e conector de aço galvanizado articulado entre madeira e betão;

3. Paredes exteriores: de betão armado com acabamento aparente do betão, com a possibilidade de agregação de uma planta trepadeira pelo seu exterior.

4. Paredes Interiores: de betão armado com acabamento aparente do betão, e revestida de cerâmica nas instalações sanitárias;

5. Coberturas: inclinada de duas águas em folha de zinco com junta agrafada; é isolada através de painéis THERMOCHIP de encaixe compostos por três camadas: uma placa de aglomerado hidrófugo, um núcleo de espuma de poliestireno extrudido e uma placa de madeira ranhurada em pinho que dá o acabamento pelo interior;

6. Pavimentos: em placas pedra basáltica amaciada por medida seguindo os alinhamentos dos balcões de apoio; nas laterais onde o pé direito é baixo, o espaço é marcado com o enchimento de pedra miúda do calhau, esta delimitação de pavimento avisa o utilizador do espaço acessível devido ao seu pé-direito;

7. Tetos: neste caso o teto tem como acabamento a madeira em pinho ranhurada dada pelo painel THERMOCHIP, sobre a armação em madeira; nos arrumos tetos falsos em gesso cartonado tipo “pladur”, com acabamento a branco e iluminação embutida;

8. Vãos exteriores: apenas um vão exterior de grandes dimensões composto por uma grande parte de caixilhos fixos e por uma porta pivotante, o caixilho PORSEG “Série MBB - Sistema 2000”, os perfis metálicos são constituídos por um núcleo de aço revestidos de capas de alumínio;

9. Portas Interiores: portas de batente em madeira pinho com moldura embutida;

10. Móvel: em madeira pinho com acabamento pouco brilhante;

11. Forno: será usada “pedra mole” ou “cantaria de forno” para a construção do forno e para as pedras de conceção do bolo do caco;

12. Chaminé: estruturalmente concebida de perfis metálicos com revestimento a zinco e no seu topo o típico “capacete” em zinco;

13. Iluminação: é feita de candeeiros em cobre (luz incandescente) suspensos sobre os balcões; no anexo e na instalação sanitária a iluminação encontra-se embutida no teto falso;

14. Instalações Sanitárias: loiça serie “JADE” da marca Sanindusa, o lavatório em basalto é assente sobre móvel de apoio em madeira maciça;

2.7.3. Volume de Ampliação

1. Fundações: sapatas de betão armado com a devida drenagem;

2. Estrutura: em betão armado composto de pilares, vigas, sapatas e lajes maciças;

3. Paredes exteriores: parede em betão armado de 30, isolamento IPS de 8 centímetros pelo exterior;

4. Paredes Interiores: de alvenaria leve compostas por blocos térmico-acústicos sistema “Isoltermix” da Previcon, fabricados de betão leve e EPS embutido totalizando 30 centímetros de espessura, rebocados e pintados, ou nas instalações sanitárias revestidos de cerâmica;

5. Tetos: os tetos falsos em gesso cartonado tipo “pladur”, com acabamento a branco e iluminação embutida em todas as divisórias;

6. Escadas exteriores: em pedra basáltica sobre estrutura de betão armado;

7. Coberturas: plana transitável e com áreas verdes;

8. Pavimentos: argamassa EPOXI tipo “SIKAFLOOR” no corredor; Pavimento flutuante nos quartos e revestimento cerâmico nas instalações sanitárias;

9. Vãos exteriores: em caixilharia de alumínio, com vidro duplo (de 10mm + 10mm + 8mm) com sistema batente e portada pelo interior;

10. Portas Interiores: portas de batente em madeira maciça com moldura simples;
11. Guardas: em ferro fundido, pintadas de cinzento sem brilho;
12. Móvel: em madeira mogno, feita por medida;
13. Iluminação: focos de luz LED embutidos no teto falso;
14. Instalações Sanitárias: loiça serie “JADE” da marca Sanindusa, o lavatório em basalto assente sobre o móvel de apoio em madeira maciça;

2.7.4. Jardim e Envoltente

1. Bancos: em madeira carvalho e estrutura em inox.
2. Papeleiras: em inox com ripado de madeira carvalho;
3. Bebedouros: em pedra basáltica composta por uma peça única, com acabamento amaciado e acessórios em INOX;
4. Iluminação: postes em inox; focos de luz LED embutidas na calçada ao longo do percurso pedonal;
5. Pavimentos: calçada em cubos de basalto de diferentes tonalidades no percurso dos automóveis, de modo identificar a área dos espaços de estacionamento; calçada de pedra basáltica redonda nos percursos pedonais do jardim; placas de pedra basáltica em redor da casa-mãe; lajetas de pedra basáltica na entrada para a casa do caseiro;

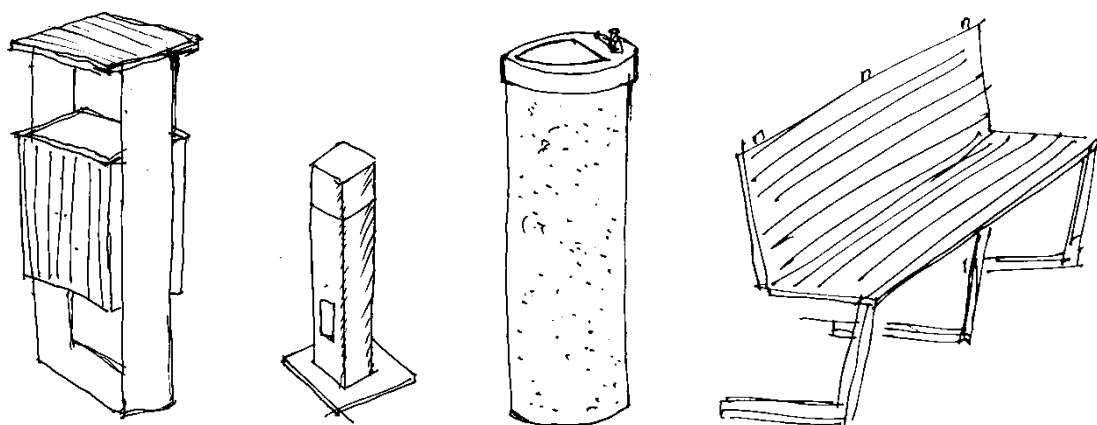


Figura 34: Esquícios do mobiliário de jardim.



Figura 35: Pavimentos a utilizar na proposta. Pavimento em calçada portuguesa com diferentes tonalidades, calçada em basalto redondo, placas de basalto, lajetas de basalto, calçada de cubos de basalto, respetivamente. (Fotos de autor)

Conclusão

O projeto de reabilitação da Quinta das Figueirinhas foi encarado, embora só em papel, como um projeto de contribuição para a preservação do património edificado da região.

Pretendeu-se não só manter e preservar o edificado existente como restituir a sua dignidade histórica, valorizando não só esta, mas também o panorama geral de edificados em que esta se insere. Vários foram os desafios, devido ao estado de degradação avançado que a pré-existência apresentava, procuraram-se técnicas e soluções construtivas que fossem viáveis a este tipo de reabilitação.

A casa mãe, sendo a edificação principal da propriedade, acabou por ser o ponto fulcral a desenvolver em todo o projeto.

Destaca-se também a casa do caseiro, inspirada na casa do etnográfica madeirense, que dá em primeira mão um breve experiencia de sabores e tradições aos hóspedes que lá pernoitam.

Deste modo, para dar a continuidade à identidade de um povo é fundamental a preservação do seu património edificado. Só desta forma conseguimos reconstruir a memória vivida, garantindo o seu conhecimento as gerações vindouras.

Entretanto, cabe ao Governo Regional a tarefa de resgatar estas quintas históricas. É necessário que esta entenda quais as circunstâncias em que estas propriedades se encontram e quais as razões do seu abandono, seja por falta de interesse ou possibilidades económicas. Deve ser feito o esforço para se adquirirem estas propriedades aos privados, de modo assegurar a sua existência na continuidade temporal.

O trabalho de reabilitar e salvaguardar estas propriedades deve ser contínuo e coerente pois, além de dinamizar e potencializar o turismo da localidade, recupera-se a componente histórica e arquitetónica destas edificações reconquistando o turismo, do qual estas quintas foram responsáveis originalmente.

Bibliografia

Bibliografia Geral:

APPLETON, João (2011), Reabilitação de edifícios antigos, 2ª edição, ORION

BETTENCOURT, Luísa Catarina Freitas Andrade (2007), A Morfologia Urbana da Cidade do Funchal e os seus Espaços Públicos Estruturantes, Lisboa, Dissertação de Mestrado Integrado em Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

GOMES, Sílvia Marina Câmara (2012), Quintas Madeirenses: Lazer e Diversão entre Muros (1851-1900), Funchal, Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira.

GOUVEIA, Brígida Homem (1984), As Quintas da Madeira, Na Projecção do Séc. XIX Europeu, Funchal.

MATOS, Rui Campos (2013), As Origens do Turismo na Madeira - Quintas e Hotéis do Acervo da Photographia Museu - «Vicentes», Funchal, Delegação Regional da Madeira da Ordem dos Economistas & DRAC (Madeira), Photographia Museu - «Vicentes».

MATOS, Rui Campos (2015) - A arquitectura do Turismo Terapêutico - Madeira e Canárias, 1800-1914. [S.l.]: Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura - Universidade de Lisboa.

SILVA, Ana Cristina Vieira (2016) - A arquitectura das quintas madeirenses de influência inglesa na primeira metade do século XIX, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura - Universidade de Lisboa.

SILVA, Padre Fernando Augusto da & MENESES, Carlos Azevedo de (1978), Elucidário Madeirense, Vol. III (O-Z), Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

SILVA, Tiago Miguel Pimenta (2013) - As quintas madeirenses como uma oferta turística diferenciada, Funchal, Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira.

TEIXEIRA, Cláudia Rubina Quintal (2009) - A arquitectura Vernacular da Madeira: Tradição, Identidade e Sustentabilidade, Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior.

Bibliografia Eletrónica (WWW):

<https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/jardins-parques-e-quintas-da-madeira>

<http://ruinepomuceno.blogspot.pt/2010/02/as-quintas-da-madeira-na-obra-de-maria.html>

<http://www.belavistamadeira.com/quintas-da-madeira.html>

Índice de Peças Desenhadas

- |01| - Levantamento arquitetónico e topográfico_ Planta do existente
- |02| - Levantamento arquitetónico _ Casa-Mãe - Piso 0
- |03| - Levantamento arquitetónico _ Casa-Mãe - Piso 1
- |04| - Levantamento arquitetónico _ Alçado Norte e Sul
- |05| - Levantamento arquitetónico _ Alçado Oeste e Este
- |06| - Vermelhos e Amarelos _ Casa-Mãe - Piso 0
- |07| - Vermelhos e Amarelos _ Casa-Mãe - Piso 1
- |08| - Vermelhos e Amarelos _ Casa-Mãe - Piso 2
- |09| - Vermelhos e Amarelos _ Casa-Mãe - Piso 3
- |10| - Vermelhos e Amarelos _ Casa-Mãe - Alçado Norte
- |11| - Vermelhos e Amarelos _ Casa-Mãe - Alçado Sul
- |12| - Vermelhos e Amarelos _ Casa-Mãe - Alçado Oeste e Este
- |13| - Planta de Implantação da Proposta
- |14| - Cortes de Perfil da Proposta
- |15| - Casa-Mãe _ Piso 0
- |16| - Casa-Mãe _ Piso 1
- |17| - Casa-Mãe _ Piso 2
- |18| - Casa-Mãe _ Piso 3
- |19| - Casa-Mãe _ Planta de Cobertura
- |20| - Casa-Mãe _ Corte AA
- |21| - Casa-Mãe _ Corte BB
- |22| - Casa-Mãe _ Corte CC
- |23| - Casa-Mãe _ Corte DD
- |24| - Casa-Mãe _ Corte EE
- |25| - Casa-Mãe _ Corte FF
- |26| - Casa-Mãe _ Corte GG
- |27| - Casa-Mãe _ Alçado Norte
- |28| - Casa-Mãe _ Alçado Norte (Com vista frente estrada)
- |29| - Casa-Mãe _ Alçado Sul
- |30| - Casa-Mãe _ Alçado Oeste e Este
- |31| - Casa-Mãe _ Cortes de Fachada 1, 2, 3 e 4
- |32| - Casa-Mãe _ Cortes de Fachada 5 e 6
- |33| - Casa-Mãe _ Pormenores
- |34| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - VE.1
- |35| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - VE.2
- |36| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - VE.3
- |37| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - VE.4
- |38| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - VE.5
- |39| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - PI. 1
- |40| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - PI. 2
- |41| - Casa-Mãe _ Mapa de Vãos - PI. 3
- |42| - Casa do Caseiro _ Planta térrea e de cobertura
- |43| - Casa do Caseiro _ Corte AA e Corte BB
- |44| - Casa do Caseiro _ Corte CC e Corte DD
- |45| - Casa do Caseiro _ Alçado Norte e Alçado Sul
- |46| - Casa do Caseiro _ Alçado Este e Alçado Oeste
- |47| - Volume de Ampliação_ Planta térrea e Alçado
- |48| - Volume de Ampliação_ Corte transversal AA
- |49| - Mobiliário de Jardim _ Banco
- |50| - Mobiliário de Jardim _ Candeeiro, Papeleira e Bebedouro

Anexos

Galeria de Imagens





Planta de Condicionantes

